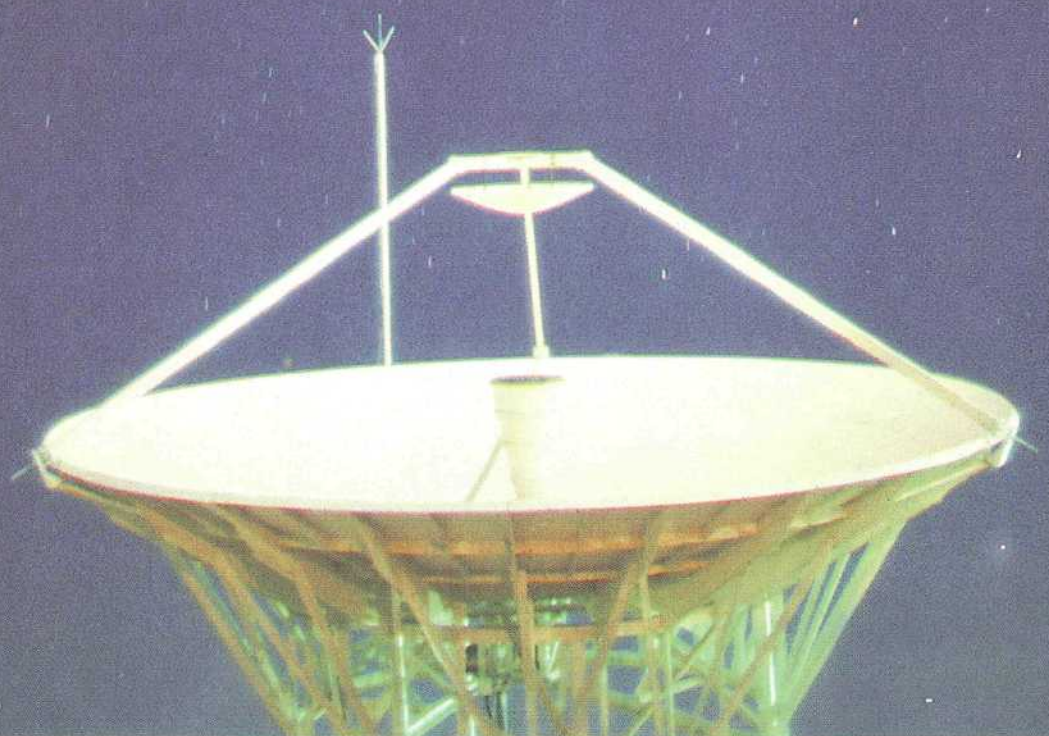
FENAE

AGORA

INVASÃO DE PRIVACIDADE

Satélites, câmaras, escutas. Nossa intimidade está ameaçada peia tecnologia. Começa o tempo do Grande Irmão.



FENAE AGORA - edição 7 - ano 1 - nº 7 - agosto de 1998 - distribuição gratuita

FENAE AGORA

FENAE AGORA
edição 7 - ano 1 - nº 7 - agosto/1998

Publicação da FENAE -
Federação Nacional das Associações
do Pessoal da Caixa Econômica Federal

Administração e redação:
Setor Comercial Sul, quadra 1, edifício União,
6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901
Telefone: (061) 323-7516
Fax:(061)325-6057
Telex: (061) STM400 - Caixa Postal 33794
Homepage: www.fenae.org.br |
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br
(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br

Diretoria Executiva
Presidente:
Carlos Caser
Vice-Presidente:
José Francisco Zimmermman
Diretor Financeiro:
Carlos Borges
Diretor de Relações no Trabalho:
João Alberto Garcia Moschkovich
Diretor Administrativo:
Admilson dos Santos Canuto
Diretor de Esportes:
Jorge Cruz Marçal
Diretor Cultural:
Emanoel Souza de Jesus
Suplente: José Durval Fernandes Reis
Conselho Fiscal
Orlando Martins Pinto
Jesus Rodrigues Alves
Cláudio Pimentel Corrêa
Suplentes
Danilo Aguilar Ferreira
Bernadete Santos de Aquino
Conselho Deliberativo Nacional
Presidente: Jorge Peixoto de Mattos
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora N. de Almeida
Secretário: Fernando de Mello

Editor: Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)
Redação: Antônio José, Evandro Peixoto e Mareio Sardi
Colaboradores: Janio de Freitas, Aloysio Biondi, Tárik de Souza, José Trajano e Adacir Reis
Diagramação: Hélder Narde
Ilustração: Lisarb
Impressão: Bangraf
Tiragem desta edição (75 mil exemplares) comprovada por Price Waterhouse, cuja carta-relatório encontra-se em nosso poder

Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores
Distribuição gratuita

Nem tudo que reluz é ouro

A nossa privacidade está ameaçada? Até que ponto radares, satélites, câmaras ocultas, aparelhos de escuta, sites e tantas outras parafernálias eletrônicas invadem nossa privacidade?

Supondo que essa invasão exista, qual o controle que a sociedade exerce sobre esses inventos? Será que estamos vivendo o início da era do "Grande Irmão"?

Essas perguntas e tantas outras do gênero ainda não têm respostas. A sociedade está afastada de tal discussão. A maioria da população sequer tem acesso ao telefone, disseminado amplamente nas classes dominantes. Computadores, satélites e outros aparelhos não povoam os sonhos de mais de quatro bilhões de pessoas. Vivemos o ìnicìo de um novo tempo, de um novo apartheid: daqueles que dominam a tecnologia e da grande maioria da população, que ainda luta pela sua sobrevivência. Será uma nova idade das trevas? Talvez por aí se explique a atual tendência de buscar conforto na religião e no sobrenatural?

Será que já está entre nós o olho do Grande Irmão?

Enquanto buscamos novas respostas para novas perguntas, velhas questões voltam à cena. Estamos às vésperas de eleições gerais e nos defrontamos com antigas polêmicas: em quais candidatos acredita, o que são promessas de campanha, o que são propostas efetivas de governo? Mais uma vez os eleitores serão "vítimas" dos marqueteiros? Afinal de contas, ninguém elegeu asprivatizações, a doação de recursos aos bancos privados, o sucateamento da indústna nacional e o desemprego.

Essas dúvidas dos,eleitores têm razão de ser. Há quatro anos a remuneração variável (participação nos lucros) representava muito pouco no rendimento dos trabalhadores. Com a falta de reajustes salariais nesse período, a remuneração variável descaracterizou-se, pois tornou-se imprescindível para os trabalhadores tentarem manter sua renda.

Na luta pela sobrevivência alguns dão sorte. Foi o que aconteceu com a empregada da Caixa na Matriz, em Brasília, que apostou na França no Bolão da FENAE e se deu bem. Ela ganhou passagens e hospedagem para duas pessoas, para um final de semana em qualquer capital do país.

Viagem por viagem, descanso por descanso, Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, dáshow. São cerca de 75praias, cachoeiras, trilhas para caminhadas, rios, reservas ambientaìs e tudo que um turista possa querer. O melhor disso tudo é que não épreciso esperar o verão chegar. Do outono à primavera chove pouquíssimo em Ubatuba: o clima é quente durante o dia e frio à noite. É uma das poucas (senão a única) parte da costa brasileira em que a Mata Aflântica se encontra com o mar. O contraste entre o verde e o azul é ofuscante.

Brilho também existe na literatura. Cem anos de Lorca e Cruz e Sousa mostram que as letras têm o que comemorar. E, por falar em comemoração homenageamos um dos grandes da nossa história, o genial Monteiro Lobato.

Aproveite, o olho do Grande Irmão já pode estar por aí.



AGORA FENAE

7 Janio de Freitas fala sobre as traições eleitorais

19 No Congresso: ressurreição da reforma tributária?

20 Ganha corpo a negociação da participação nos lucros

24 Caixas unificadas inspiram criação da FENAE

25 Biondi renova esperanças dos bancos estaduais

27 Prêmio do Bolão da FENAE vai para o Distrito Federal

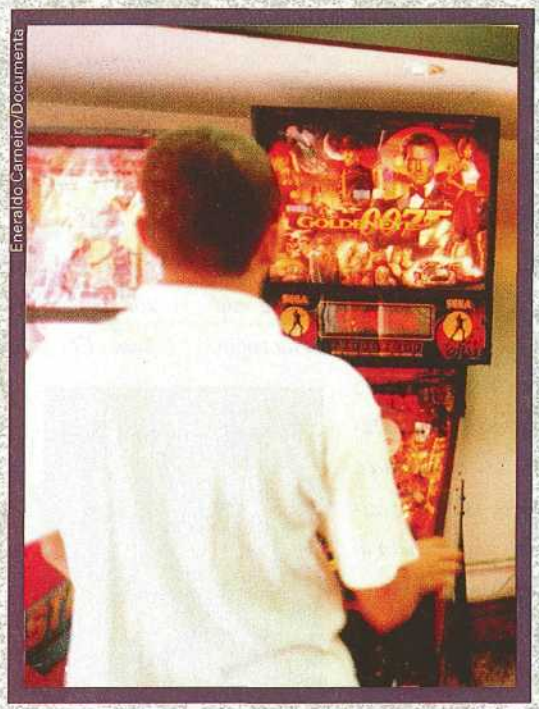
28 José Trajano encontrou o melhor lugar do mundo

32 Elizeth e a arte de cantar, segundo Tárik de Souza

33 Ubatuba cede de graça paisagens de cartão-postal

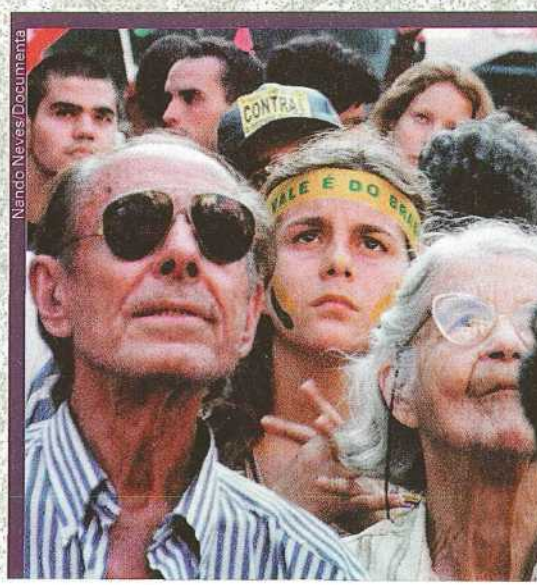
36 Há alternativas para as queimadas na agricultura?

Capa:
A tecnologia diverte (foto ao lado), mas também pode fornecer meios de controle da vida dos cidadãos
Pág.11





Cruz e Sousa, maior poeta do simbolismo nacional, faz 100 anos
Pág.31



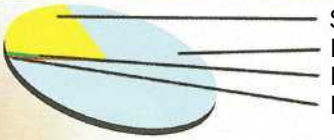
De assistencialismoe promessas não-cumpridas vive boa parte dos políticos brasileiros - Pág. 8

Seis horas

Exercite esta conçuiista

Resultado da pesquisa das seis horas realizada com empregados da Caixa

As seis horas são cumpridas em sua unidade?



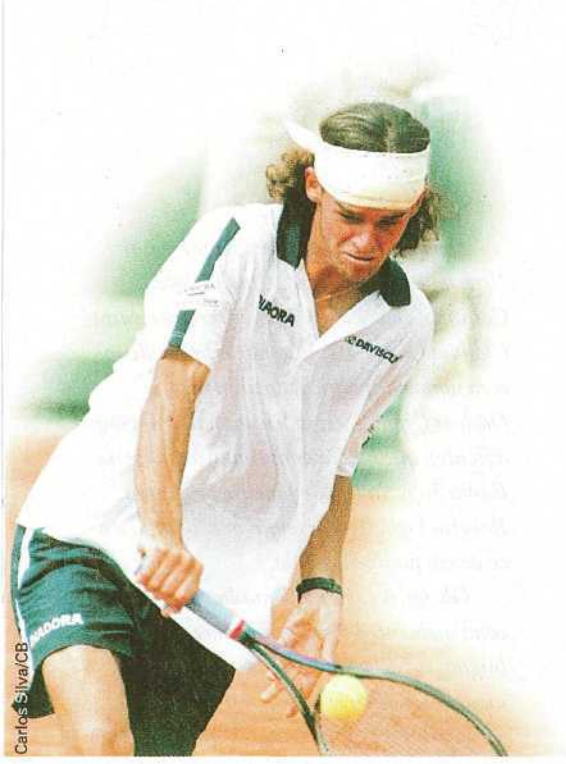
- Sim - 20,1%
- Não - 75,5%
- Parcialmente - 3,2%
- Em branco - 1,2%

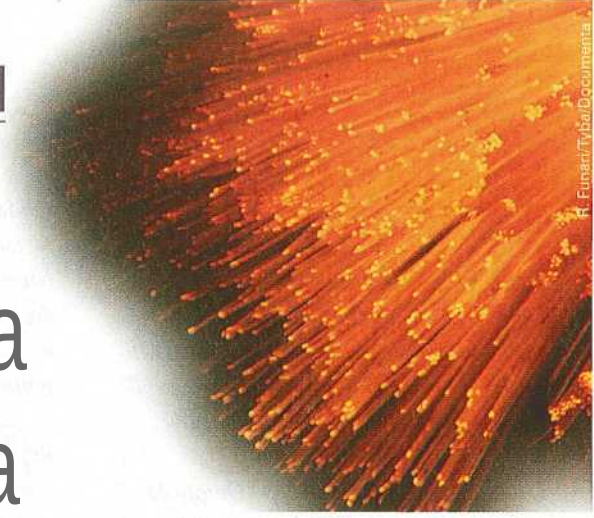
Os objetivos da cartilha das seis horas foram alcançados?



- Totalmente - 63,2%
- Parcialmente - 26,1%
- Não - 25,9%
- Em branco - 0,8%

Pesquisas respondidas - 253 / *(Os questionários foram devolvidos à FENAE por malote)*





Tecnologia submersa

1998 marca o décimo aniversário de uma revolução tecnológica subterrânea. Ou melhor, submersa. Entrava em operação o primeiro cabo ótico submarino transatlântico no sistema TAT-8 - que permite um inédito espaçamento médio de 60 quilômetros entre os repetidores de sinal. Este cabo tem nada menos que 7.500 quilómetros de extensão. Para comemorar os 10 anos da novidade, cientistas estão desenvolvendo cabos submarinos ainda mais potentes.

Quem quiser ler mais sobre a tecnologia da fibra ótica em cabos submarinos pode acessar o quilométrico endereço penta.ufrgs.br/tp 951/2_fibras_submarinas.html, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Kuerten de saias

Sim, existe alguém maior que Gustavo Kuerten para o ténis nacional. Maria Esther Bueno conquistou 20 torneios entre os mais importantes do circuito mundial. Somente em Wimbledon foram três conquistas, fora cinco em duplas. No US Open, a brasileira abocanhou nove títulos (quatro no torneio de simples).

Não é à toa que Maria Esther foi considerada a melhor atleta do mundo em 1959 e 60. Em toda sua carreira, conquistou 589 títulos. Seu estilo elegante valeu o apelido de "bailarina", dado pela fleumática imprensa inglesa. Mais sobre ela? Lancenet.com.br/galeria traça um perfil da maior tenista brasileira de todos os tempos.

Lesão na rede

A bancária Irene Dal Castel colocou na Internet todo o sofrimento pelo qual passou desde que contraiu LER (Lesões por Esforços Repetitivos). E também escreveu "O calvário na era moderna", que conta o preconceito sofrido até que o diagnóstico de LER fosse comprovado. Irene trabalhou por 19 anos no Banespa. No site que montou (terravista.pt/meco/1080), a bancária gaúcha também traz links para outras páginas que falam sobre a doença.



FENAE AGORA: imprensai @fenae.org.br

Dos LEITORES

Homenagem

O dia 26 de julho é dedicado à comemoração dos avós. Também temos avós economiários e aposentados que merecem essa homenagem. Solicito, dentro das possibilidades da nossa FENAE AGORA, seja publicada uma mensagem colhida da revista Família Cristã.

É bem verdade que é uma Oração do Idoso, mas se cuidarmos da nossa saúde, por certo chegaremos a uma idade avançada em que se refletirá o contido na mensagem, a qual reproduzimos alguns trechos a seguir: "Bem-aventurados aqueles que compreendem meus passos vacilantes e minhas mãos trêmulas; ...Bem-aventurados os que sorriem e conversam comigo; ...Bem-aventurados os que me ajudam a atravessar a rua e não lamentam o tempo que me dedicam; ...Bem-aventurados os que amenizam os meus últimos anos sobre a terra".

Janete Cardoso Lisboa
Maceió (AL)

Seriedade

O gerente geral do ponto de venda da CEF em São Francisco de Assis (RS), Getúlio Soares Pereira, enviou correspondência à redação da FENAE AGORA na qual elogia "o execelente trabalho literário e a seriedade das matérias da publicação".

Anexado a sua carta, Getúlio enviou um artigo sobre qualidade total. A seguir, alguns trechos do seu texto: "... 0 ano de 1997 foi marcado pela implantação do programa cinco Ss no âmbito da Caixa Econômica Federal e, principalmente, no escritório de negócios de Santa Maria (RS), que atualmente mantém sob sua administração, na área negociai, 32 agências, com área de atuação em 78 municípios... No período de novembro/96 a dezembro/97, muito foi feito pelo grupo cinco Ss, no território do escritório de negócios da Caixa sediado em Santa Maria. Mas muito ainda há por se fazer, revisar e aprimorar no que se refere aos processos e conceitos até aqui iniciados.

Há hoje novos engajados que compreenderam a importância do programa cinco Ss. A colaboração dos pioneiros em cada uma das unidades foi fundamental para a continuidade em muitas delas e o aprendizado foi tão profícuo, que mesmo naquelas onde havia mais resistência, os conceitos trabalhados em grupo muito colaboraram para que acontecessem muitas mudanças de posturas profissionais.

...A qualidade, portanto, é um conjunto de fatores e não uma simples aparência externa. A limpeza, a higiene, o sorriso dos empregados, o número de erros próximo da marca zero e tantos outros indicadores são a forma pela qual a organização expressa sua saúde. Vara que continue sadia, é necessário que a organização cultive e inspire a boa vontade entre todas as pessoas que nela esperam satisfazer seus anseios.

...O futuro de uma organização passa, inexoravelmente, pela qualidade de vida da sua gente".

Getúlio Soares Pereira
São Francisco de Assis (RS)

Opinião

É bom saber que existe uma revista inteligente como FENAE AGORA, pois o que hoje assistimos impotentes é uma mídia "que se pretende onisciente, mas muitas vezes é irresponsável diante do papel social que lhe cumpre", nas doutas palavras do jurista João Carvalho de Matos.

FENAE AGORA veio resgatar e redimir o verdadeiro papel da imprensa brasileira, que é o de informar e dissecar a notícia com lucidez e imparcialidade. Já estamos fartos desta unanimidade burra a que a grande mídia nos submete e massacra a cada dia.

Com relação aos aposentados e pensionistas, há na atual imprensa uma verdadeira caça às bruxas. Aos inativos da Previdência ou dos fundos de pensão são atribuídos todos os males que assolam o combalido erário público. Os grandes golpes à Previdência são facilmente esquecidos, quando a mídia insiste no discurso (este, sim, bastante surrado) do envelhecimento da população... Ao receber FENAE AGORA, pude sentir a agradável sensação (quase esquecida) de que não estou tão sozinha.

Regina Andrade Tannus Seabra
Brasília (DF)

Ministra

Atenção: troca-troca em Brasília. Sai "Brecha Pererê" e entra "Claudicante Costinha", ou seja, sai Bresser Pereira e entra Cláudia Costin. Lembrando as brincadeiras com nomes de políticos do humorista Odracir Oigrés (Sérgio Ricardo, de trás para a frente), que há dez anos contava piadas na Rádio Tupy do Rio de Janeiro, programa Roberto Figueiredo, a-emos que foi uma troca de seis por meia-dúzia.

Oh, oh, oh, oh, nada mudou, como diz certa melodia. A "ministra"fala a mesma linguagem do seu antecessor. São muito técnicos e essas figuras devem refletir que se dirigem a milhões de pessoas e que 90% delas não possuem o dom do conhecimento académico, até porque cultura no Brasil é uma espécie de "vanish point" (ponto invisível).

Fernando Egypto Bezerra
Petrópolis (RJ)

Assinatura

Com os nossos cumprimentos, solicitamos a assinatura da revista FENAE AGORA, sendo os artigos abordados de muita importância no suporte aos nossos trabalhos.

Laurenicio M. da Silva
Coordenador Diocesano da Pastoral Operária de Montes Claros (MG)

Salutar

Acuso o recebimento da revista FENAE AGORA, bem como as infoimações prestadas, salientando o excelente trabalho dessa salutar administração.

Sebastião Emanoel de Campos
Presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Catolé do Rocha (PB)

• A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor. FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser identificadas (assinatura, endereço e número de RG).
Imprensal@fenae.org.br

Eleição como traição

Janio de Freitas



O pior nos períodos eleitorais é que eles nos fazem lembrar, forçosamente, do que foram os anos precedentes. Provocam uma espécie de contabilidade. E contabúidades só não são incômodas para quem está ganhando, seja no que for. Caso, é claro, desconhecido pelos povos desta sempre cucaracha América Latina, onde as multidões formadas da classe média para baixo só testemunham vitórias das elites econômicas - por sinal, cada vez mais elites e menos económicas.

Sejam novas ou as sempre repetidas, promessas de campanha eleitoral relembram as promessas da campanha anterior. Com a conclusão, na melhor hipótese, de que as promessas não se cumpriram. Na pior, de que foram traídas, quase sempre porque já eram traições quando se apresentavam como promessas e compromissos.

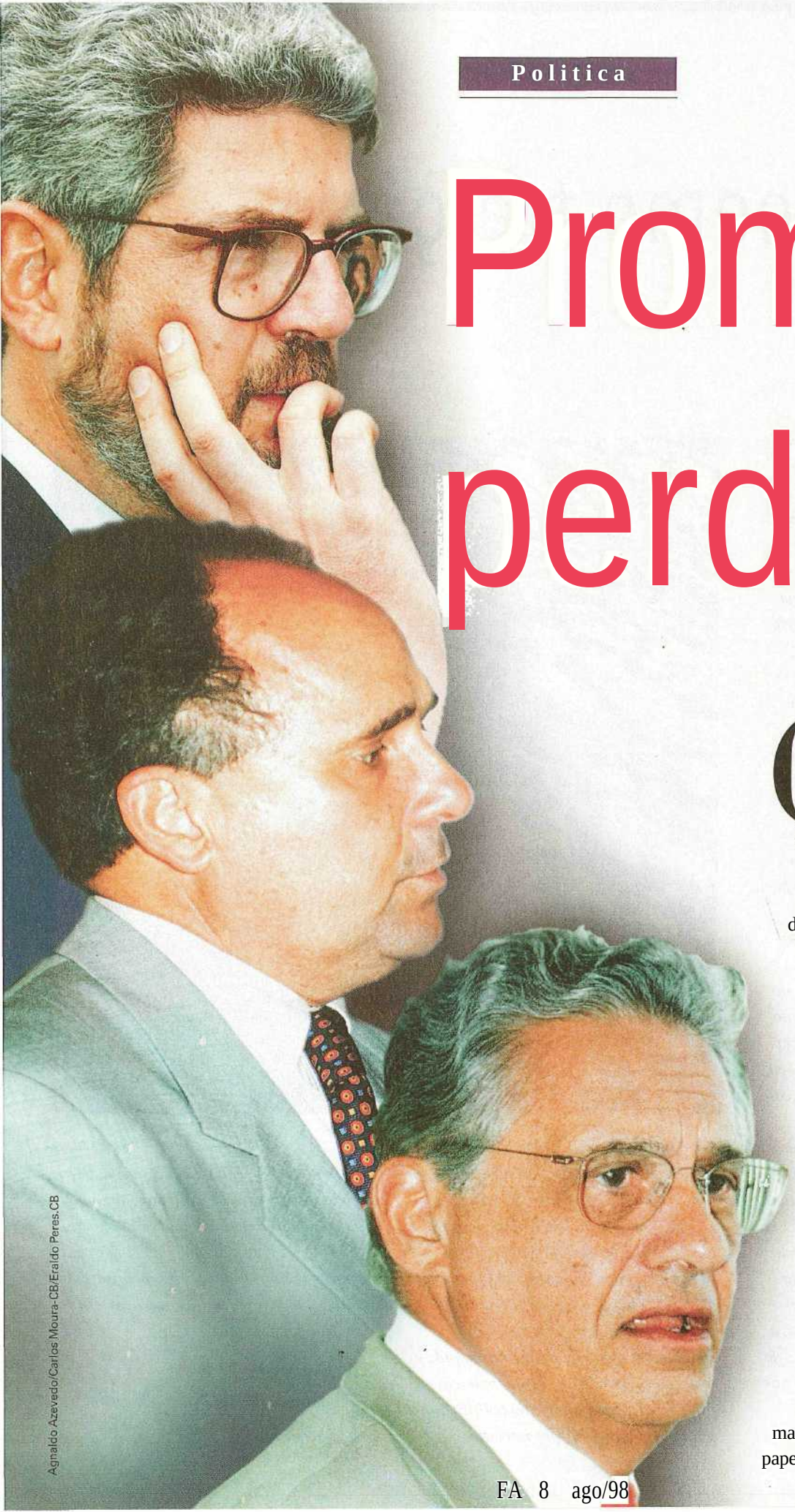
Relegar as promessas, se eleito, ê da natureza da política latino-americana, tanto quanto o próprio ato de prometer, pelo candidato. Mas, de meia dúzia de anos para cá, iniciou-se na América Latina um novo costume político: agir inversamente ao prometido. Antes exceção escandalosa ou criminosa, essa novidade ganha foros de normas e, mais grave, de comportamento legítimo e moralmente aceitável.

Não por acaso, os três países que sobressaem nesse movimento - Peru, Argentina e Brasil - são aqueles onde, concomitantemente a tal inovação, foi aplicada outra: a *reeleição. Cada um deles usou, para isso, de uma maneira sua, mas também não foi por acaso que nenhuma das três se mostrou compatível com a democracia e com a moralidade. Esta, não só política, mas também moralidade pessoal.*

Um país não pode depender, no entanto, do caráter de seu presidente ou dos cabeças do grupo no poder. Como é isso que acontece, no mais flagrante desmentido à existência de democracia, é óbvio que eleições só serão eleições, de fato, quando a sociedade se transformar em movimento de pressão para exigir a reforma política que os políticos jamais farão por iniciativa própria. E nela, como item essencial, o respeito ao programa, às propostas, às promessas nas quais o eleitor votou. Se não for assim, eleição é apenas um nome suave para o que também se chama farsa, mentira, empulhação, hipocrisia, vigarice, desonestidade, e daí para pior.

Janio de Freitas, jornalista

Promess
perdem



Agnaldo Azevedo/Carlos Moura-CB/Eraldo Peres.CB

Quem ouve promessa em períodos eleitorais nem sempre tem a garantia de que elas serão cumpridas. A cada quatro anos, a diferença entre o dito e o feito pelos candidatos a cargos executivos faz parte do repertório cotidiano dos eleitores do Brasil. Muitas das metas fixadas são esquecidas, com boa parte dos postulantes a prefeitos, governadores e presidentes da República, depois de eleitos, não seguindo o caminho delineado em suas plataformas de campanha.

Candidato à reeleição, Fernando Henrique Cardoso é acusado pelos adversários de dizer uma coisa e fazer outra. Uma das críticas a seu governo se refere à política social. Em 1994, já depois de eleito, o tucano prometeu levar adiante o projeto Brasil em Ação, com prioridade para as obras sociais ou de infra-estrutura. Hoje, no entanto, a maioria dessas promessas não saiu do papel e áreas como saúde, educação, em-

as se

no vento

prego e segurança têm apresentado até agora desempenho incompatível com as reais necessidades da população.

Rastro Seguindo o rastro do presidente tucano, o governador gaúcho Antônio Brito (PMDB) também é acusado por seus adversários de não cumprir o que prometeu durante a campanha eleitoral. Em janeiro de 95, logo após tomar posse, Brito assinou documento no qual afirmava serem mentirosas as denúncias de que venderia à iniciativa privada empresas como a CRT (Cia. Riograndense de Telecomunicações) e a CEEE (Cia. Riograndense de Energia Elétrica). Mas foi o oposto o que aconteceu. Críticas vão ainda para o acordo de renegociação da dívida estadual com o governo federal, que obriga o Rio Grande do Sul a repassar à União cerca de R$ 640 milhões por ano.

O deputado federal Darcísio Perondi (PMDB) rebate as acusações e garante que Brito tem feito uma administração voltada para o cidadão. E acrescenta: "Não dá mais para fazer política de maneira irresponsável, tipo construir uma ponte em um município e nunca mais aparecer por lá. E essa nova postura o governador Antônio Brito vem adotando no RS".

Um candidato no palanque promete de tudo um pouco

No mundo da política, nenhum cenário é tão duradouro quanto a visão de um candidato no palanque prometendo mundos e fundos. A não ser, talvez, a imagem de quem leva a sério o que diz e promete. Este parece ser o caso de Cristóvam Buarque (PT), governador do Distrito Federal, e de Kátia Born (PSB), prefeita de Maceió. O primeiro adotou o bolsa-escola, um programa que concede um salário mínimo mensal de bónus às famílias de crianças e adolescentes dos 7 aos 17 anos que frequentam regularmente as escolas da rede pública de ensino. No caso de Born, o mérito foi o de reintroduzir um conceito básico na gestão da cidade, a cobrança de impostos. Há mais 15 anos não se cobrava o IPTU em Maceió.

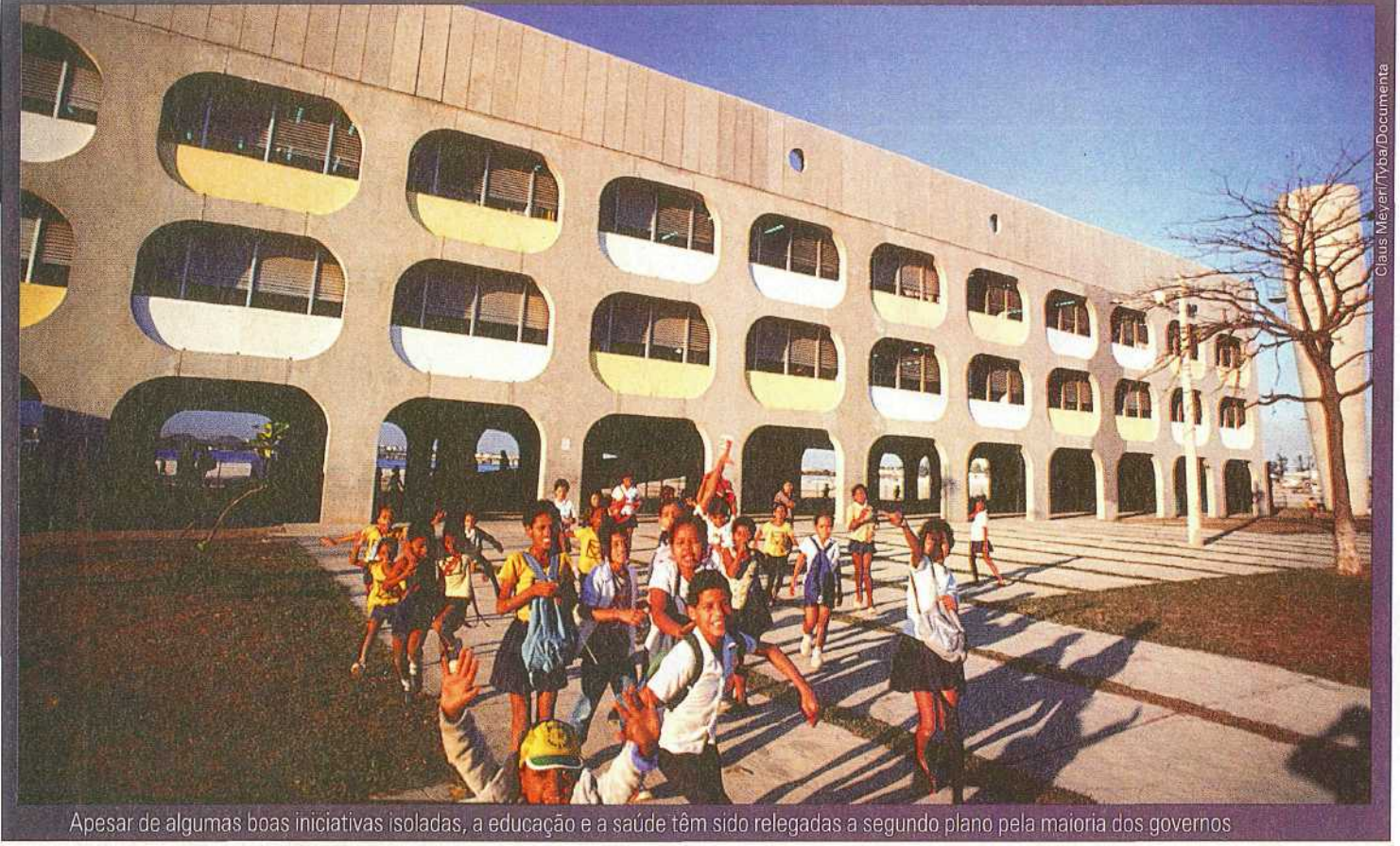
Até a bomba atômica virou oferta de candidaton

Raciocínios lineares levam, muitas vezes, a conclusões erróneas quando se trata de processos eleitorais. Parece ser esse o caso do cardiologista Enéas Carneiro, pela terceira vez consecutiva candidato à Presidência da República pelo Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona).

Enéas é autor da proposta do Brasil fabricar a bomba atómica, defendida recentemente pelas páginas da grande imprensa. Ele vê a produção da bomba como símbolo da maturidade da nação brasileira, argumentando que o país não pode continuar se comportando como menino no cenário internacional. Proposta, aliás, mal recebida pelos eleitores. Segundo pesquisa do instituto Datafolha, realizada nos dias oito e nove de julho, a taxa de rejeição do candidato do Prona cresceu bastante depois do anúncio dessa "maluquice".

O objetivo de angariar votos talvez seja o que leva candidatos à Presidência da República a propor a fabricação da bomba atómica? Nem sempre. No caso de Enéas, o respeito à ordem (no sentido militar) é um dos alicerces de seu pensamento. Tanto que dias atrás ele declarou que encontra no Exército aquilo de que gosta: ordem, respeito, hierarquia e disciplina. Uma meta que, em termos históricos, se assemelha em muito com as idéias fascistas.

Na prática, promessas como a da produção da bomba atómica se tornam difíceis de ser viabilizadas. Não tanto pelo dinheiro, mas sim pela pressa da população em resolver as demandas sociais.


Claus Meyer/Tyba/Documenta

Apesar de algumas boas iniciativas isoladas, a educação e a saúde têm sido relegadas a segundo plano pela maioria dos governos

Predomínio do assistencialismo persiste

Pesquisa revela que a grande maioria dos eleitores cobra favores dos candidatos

Em muitas regiões do país, numa cena de populismo explícito, no lugar do debate de propostas e programas de governo, eleitores e candidatos transformam a campanha no vale-tudo da troca de favores. Em estados como Acre, Amapá, Rondônia, Tocantins, Piauí, Rio Grande do Norte e Alagoas é comum os candidatos a cargos executivos e legislativos distribuírem as mais variadas mercadorias para conquistar mandatos.

Nesta época, lotes de terra, material de construção, eletrodomésticos, enxovais de bebês, laqueaduras e cestas básicas funcionam como as principais moedas de troca de votos e prestígio eleitoral. Tempos atrás ficaram famosos em Boa Vista, capital de Roraima, os casos dos bairros Pintolândia e Raiar do Sol que foram erguidos em terrenos doados em véspera de eleição e com material de construção distribuído gratuitamente. Um sinal de que esse comércio do voto guarda nítidas semelhanças com o coronelismo dos grotões nordestinos, com seus caciques e cabos eleitorais de luxo.

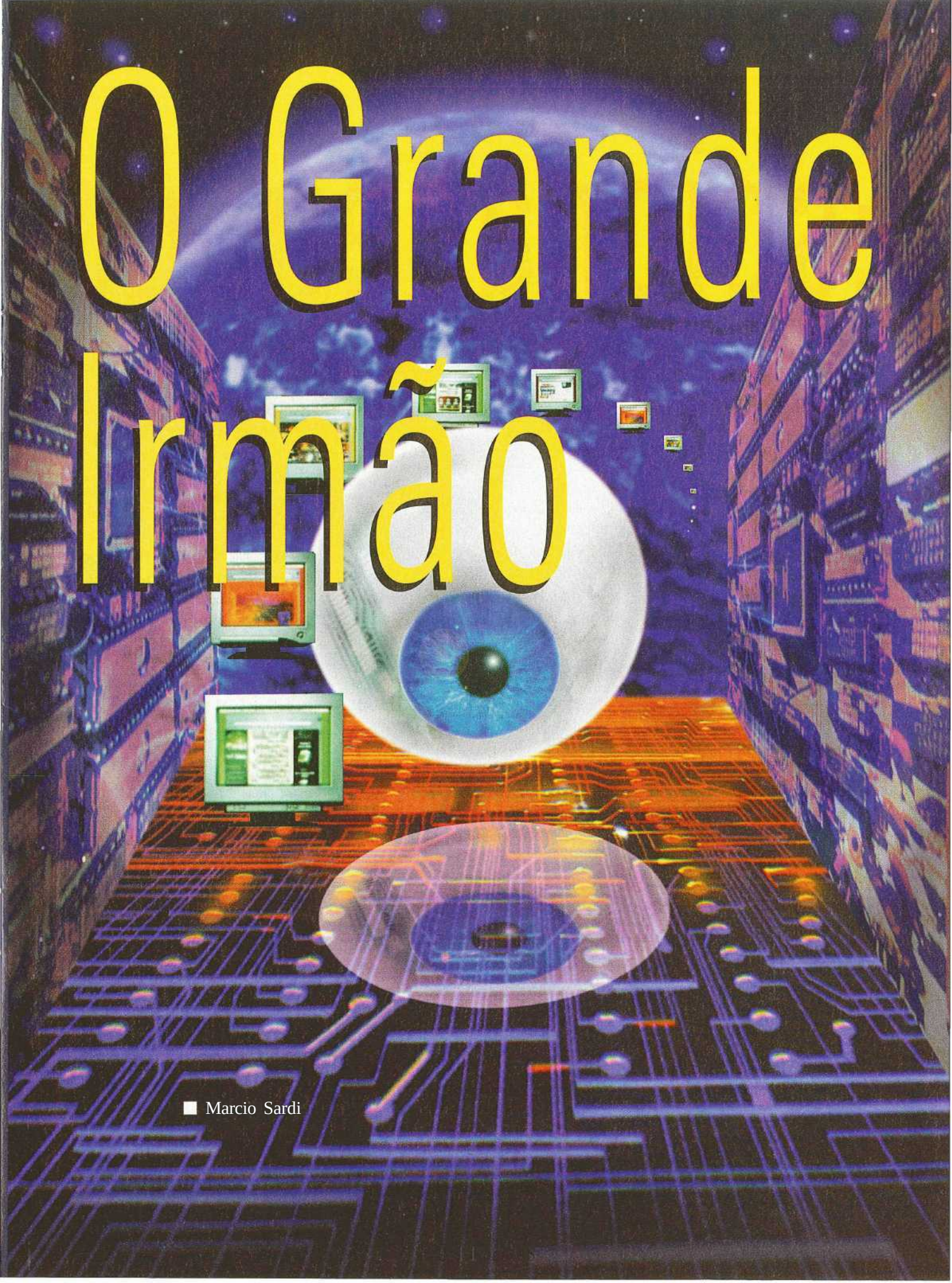
> Ainda é forte o vale-tudo em troca do apoio dos eleitores
>
> FA

Há dois anos, essa relação fisiológica entre políticos e eleitores foi comprovada por pesquisa do instituto de opinião Vox Populi, encomendada pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Na ocasião foram consultados 2.679 eleitores, com resultados surpreendentes: a maior parte do eleitorado quer que seus representantes (presidente, governadores, prefeitos, senadores, deputados e vereadores) pratiquem uma política assistencialista e atenda às carências da população.

Duas expectativas foram detectadas: o eleitor que cobra do político o cumprimento das promessas de campanha e o eleitor que busca um político que, em troca de seu voto, dê a ele benefícios como o de arranjar um emprego.

Se verdadeiras essas premissas, prometer e não cumprir o prometido depois de eleito parece ser a forma moderna do comércio de voto. E, por tabela, a mídia e o marketing político parecem ocupar o lugar antes reservado aos chefes políticos locais. FA

O Grande Irmão



Marcio Sardi

Espionagem ou

O desenvolvimento tecnológico ameaça a privacidade das pessoas e confere imenso

"Por trás de Winston a voz da teletela tagarelava a respeito do ferro gusa e da superação do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. Tinha-se que viver - e vivia-se por hábito transformado em instinto - na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro" {trecho de "1984", George Orwell)

São percebidas, geralmente, somente após uma verificação detalhada. Às vezes, nem isso: mantêm-se incógnitas. Mas estão tomando conta de todos os lugares, de bancos e shopping centers a prosaicos bares e padarias. São as câmeras de vídeo, que monitoram a entrada e saída de pessoas e representam uma prática já trivial na invasão de privacidade que toma conta da sociedade no fim do milênio.

O controle do cidadão é uma prerrogativa autoritária

FA

Quando escreveu "1984", na primeira metade do século, o inglês George Orwell criou o "Grande Irmão", uma entidade que controla cada passo de todo cidadão. Sua crítica ao Estado absoluto e totalitário parece encontrar eco em centenas de equipamentos que vêem e escutam tudo o que fazemos, desde satélites que tiram fotografias com precisão de milímetros até gravadores de lapela e câmeras de vídeo minúsculas.

Orwell imaginava o controle do cidadão como prerrogativa do Estado. A tecnologia foi além ao permitir que uma pessoa vigie outra sem ser notada.

Por R$ 120,00, é possível comprar um potente gravador com grampo telefônico. Para filmagens, já se dispõe de câmeras no formato de caneta e moeda. Hoje, esses produtos estão na lista de utilidades de espiões industriais e detetives, mas não é de se estranhar que em poucos anos cada um de nós tenha os seus em casa. Os vizinhos que se cuidem.

Paranóia ?

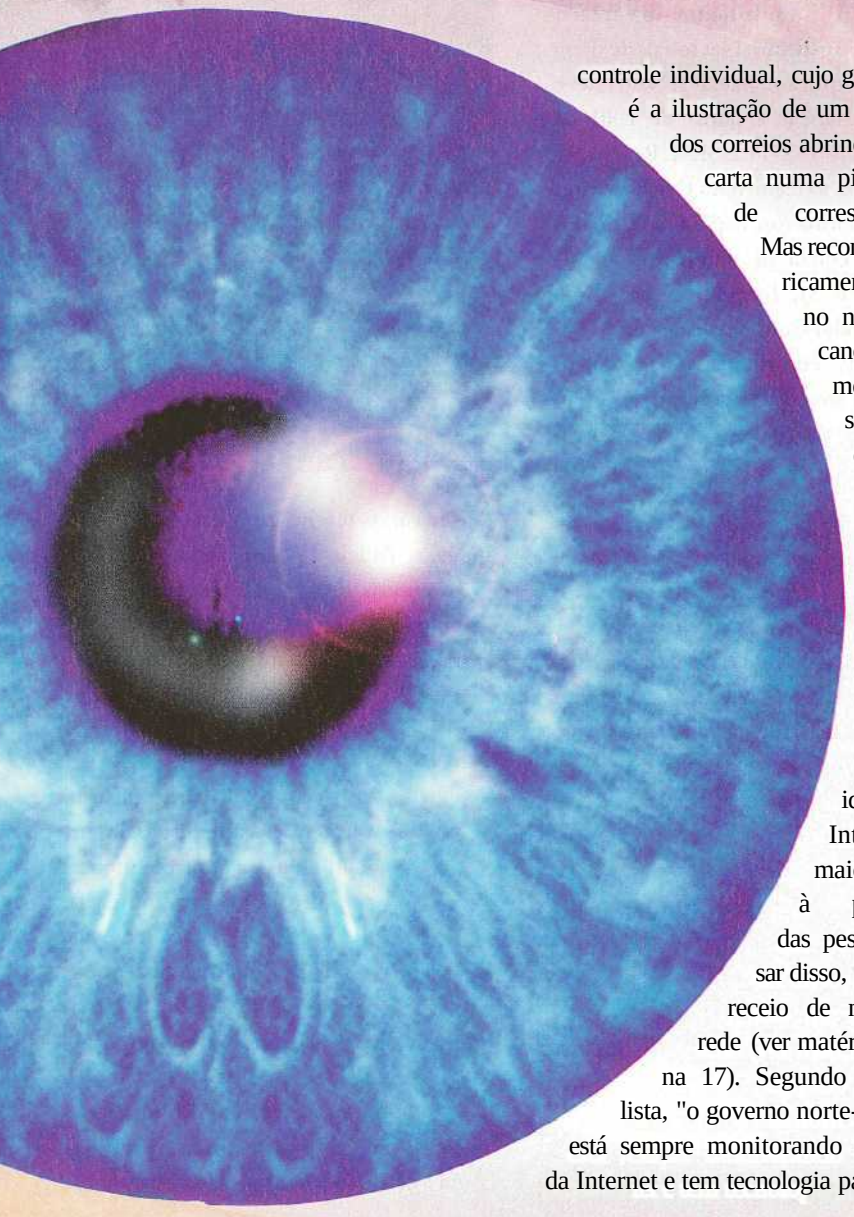
"A invasão da individualidade é uma violação aos direitos humanos", acredita o militante de direitos humanos José Antônio Moroni, ligado ao Movimento Nacional de Meninas e Meninos de Rua. Ele condena "tudo que é feito sem o consentimento da pessoa".

O especialista em informática Marcelo Simões diz que o avanço tecnológico já possibilita a existência do Grande Irmão, mas ressalva que "seria necessário um investimento muito grande para controlar a vida de cada pessoa". Com uma visão extremamente técnica, ele imagina até mesmo benefícios aos consumidores com o monitoramento de informações pessoais.

Simões avalia como "paranóia" a fixação dos norte-americanos contra o

controle social?

poder ao Estado e às empresas privadas que dominam conhecimentos incomuns



controle individual, cujo grande ícone é a ilustração de um funcionário dos correios abrindo carta por carta numa pilha imensa de correspondências. Mas reconhece: "Teoricamente, o governo norte-americano e até mesmo o brasileiro podem bisbilhotar por completo a nossa vida, de suspeitos ou de políticos da oposição".

Simões identifica na Internet os maiores riscos à privacidade das pessoas. Apesar disso, ele não tem receio de navegar na rede (ver matéria na página 17). Segundo o especialista, "o governo norte-americano está sempre monitorando mensagens da Internet e tem tecnologia para quebrar códigos, mas alega estar preocupado com a disseminação do terrorismo pela rede".

Segundo o gaúcho José Moroni, no entanto, o mundo antecipado por Orwell não está muito longe de nossa realidade. "Somos constantemente filmados sob o argumento da segurança, mas isso é feito sem nosso consentimento", fala.

No espaço

Ao mesmo tempo em que transforma a segurança em controle das pessoas, o avanço da tecnologia povoa os céus com parafernálias. No período compreendido entre o ano passado e o final de 1999, estima-se que 300 novos satélites estejam sendo colocados em órbita apenas até a altitude média de 30 mil metros.

A culpa do congestionamento celeste é dos sistemas de telefonia e comunicação globais, liderados pelos capitães da indústria mundial. Para isso, precisam das chamadas constelações de satélites, várias máquinas montadas em rede ao redor do planeta. Mas também há satélites isolados orbitando e, quem sabe, fiscalizando incautos cidadãos.

A potência desses satélites privados não deve nada aos aparatos tecnológicos governamentais, com os quais países se espionam. Apesar de seu auge ter sido durante a Guerra Fria, ainda hoje há satélites norte-americanos direcionados para a Rússia,



Iraque e Líbia. Muitos deles têm precisão fotográfica de centímetros e reconhecem elementos pelo calor. A 30 mil metros de altura. Os conspiracionistas diriam que a cada satélite lançado abre-se mais um olho a espreitar a vida dos habitantes do planeta.

Se os proprietários das constelações têm realmente interesse em espionagem, sua política com relação às comunicações não poderia ser melhor. Destes consórcios, fazem parte os grandes grupos de comunicação mundial. No Brasil, por exemplo, a Rede Globo candidatou-se à compra das telecomunicações nacionais.

Quando a dona dos veículos de comunicação detém também os meios de veicular a informação, é sinal de que a democratização do sistema está longe. É como se a Shell comprasse a Petrobras.

Os grandes consórcios dominam essa tecnologia

FA

Brasil

O programa espacial brasileiro ainda engatinha, mas o país já tem satélites em órbita. Na virada do milénio, a intenção das agências da área é gastar R$ 150 milhões por ano em novos projetos. O programa é voltado principalmente para pesquisas ambientais, sensoriamento remoto, comunicações e aplicações científicas em geral.

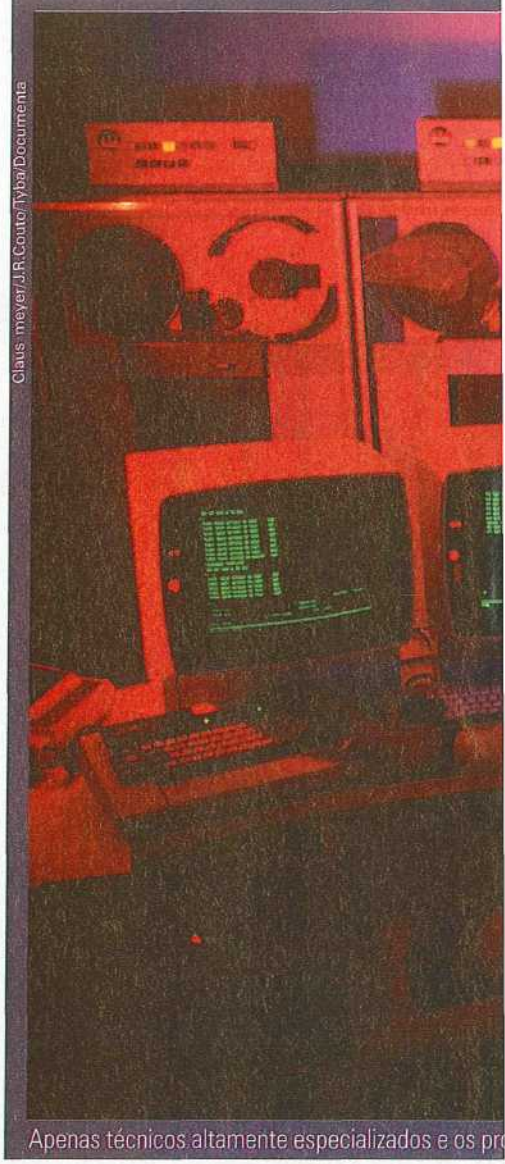
Entre eles, os mais avançados estão na área de sensoriamento, a grosso modo uma "fotografia da terra" feita por satélite. O CBERS-1 (China Brazil Earth Resourcers Satellite), cooperação entre brasileiros e chineses, deve ser lançado no início de 1999 e tem resolução de imagem de até 30 metros no solo. Está em projeto também o CBERS-2.

Ainda na mesma área, o Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE) deve lançar a partir de 2001 os equipamentos SSR-1 e SSR-2. Resolução de 100 metros. O técnico do INPE Wilson Yamaguti informa que os SSR, ao lado dos satélites de coleta de dados ambientais (SCD-1, 2 e 3), formam o programa Missão Espacial Completa Brasileira.

O INPE controla esses e outros satélites. Na área de telecomunicações, os três Brasilsat estão sob a tutela da Embratel - a mesma que foi incluída no maior leilão do mundo.

Ainda com a bandeira, brasileira, existem vários satélites privados a vagar pelo espaço, recebendo e enviando sinais. Com nomes como Galaxy, Panansat e Intelsat, são muito usados pelas televisões diretas - Tecsat, Skynet e Direct TV





Claus meyer/J.R.Couto/Tyba/Documenta

Apenas técnicos altamente especializados e os pr

Conspiração

É todo esse aparato nos ares que fez surgir várias teorias conspiratórias. Uma delas, a Aldeia Global, anuncia que o governo dos Estados Unidos aplica seus satélites e a Internet, além de contar com os préstimos de sua agência de inteligência, a CIA, para dominar o mundo. Por ironia, o informativo é disseminado pela Internet.

Segundo o grupo anticonspiratório, "militares norte-americanos estão desenvolvendo tecnologias de controle mental remoto, para utilização contra milícias e manifestações públicas". Tais técnicas, segundo a Aldeia Global, usam "ondas eletromagnéticas e acústicas de baixíssima frequência, causando desorientação, dores e em casos extremos a morte".

Também está na conta dos satélites a deflagração da Terceira Guerra Mundial, uma batalha silenciosa pelo controle das



rietários - privados ou estatais - da parafernália eletrônica dominam os segredos de todo o planeta

mentes que já dura 44 anos. Seu objetivo? "Garantir o poder da classe dominante, promovendo o controle social sobre grupos indisciplinados e classes sociais inferiores", dizem os conspiracionistas. Os reflexos dessa estratégia estariam na desintegração da família, na queda de qualidade cultural e no desmantelamento da educação.

As teorias conspiratórias contra a tecnologia, por ironia, encontraram na Internet o meio ideal para se multiplicarem. São comuns grupos de discussão que podem ser encontrados no título "conspiracy". Todos partem do pressuposto de que algo está escondido da sociedade por uma classe dominante. Qualquer coincidência com o Grande Irmão é nada mais que semelhança.

Exclusão

O controle sub-reptício sobre a população é inconcebível, no entanto, para a maioria das pessoas. Para uma fonte no Ministério da Ciência e Tecnologia, "a espionagem ampla sobre as pessoas é uma ficção que pode vigorar, se tanto, no Vale do Silício" - região dos Estados Unidos, próxima a Los Angeles, onde são desenvolvidas novas tecnologias.

No Brasil, país praticamente esquecido pelo avanço tecnológico durante anos, o máximo que este experto em tecnologia admite são coisas simplórias como a escuta telefônica e problemas em negócios pela Internet.

Mas a fonte, que não se identificou, acredita no avanço tecnológico como antídoto para o controle social permitido pela própria tecnologia e reconhecido por ele. "Já existem programas e equipamentos que descobrem bisbilhoteiros".

Para outro grupo de pensadores, de perfil humanista, o controle que existe

Nem andando de carro nas ruas o cidadão está tranqüilo

A fiscalização eletrônica no trânsito é uma das formas mais explícitas de controle sobre as pessoas. Muitos motoristas sentem sua privacidade ameaçada com alguns equipamentos, que tiram fotografia da placa do carro e, de quebra, mostram os ocupantes do veículos.

Algumas cidades corrigiram o erro, mas em muitas ele permanece.

O problema é que não existe uma legislação clara sobre os limites da fiscalização eletrônica de velocidade. Isso acontece apesar da quantidade relativamente grande de medidas sobre o assunto. A responsabilidade pela fiscalização no trânsito cabe ao Conselho Nacional de Trânsito (Contran)

A primeira resolução do Contran especificamente sobre os "olhos eletrônicos", nas cidades e rodovias, foi publicada em 1995. A medida define claramente o papel controlador das barreiras eletrônicas - "estação ou o conjunto de estações com a finalidade de exercer o controle e a fiscalização do trânsito em vias públicas, por meio de equipamentos mecânicos, elétricos e eletrônicos".

A mesma resolução abordou ainda a necessidade da autoridade pública sinalizar sua existência, sem entrar em detalhes. E mais nada.

Ainda em 95, nova legislação explicitou os requisitos técnicos dessas barreiras. Mais uma vez, os limites da identificação ficaram restritos ao veículo, mas sem especificar seu alcance.

Resultado: o Grande Irmão está nas ruas de muitas cidades em que existe a fiscalização eletrônica. A situação foi sequer mencionada em duas novas resoluções sobre o tema.



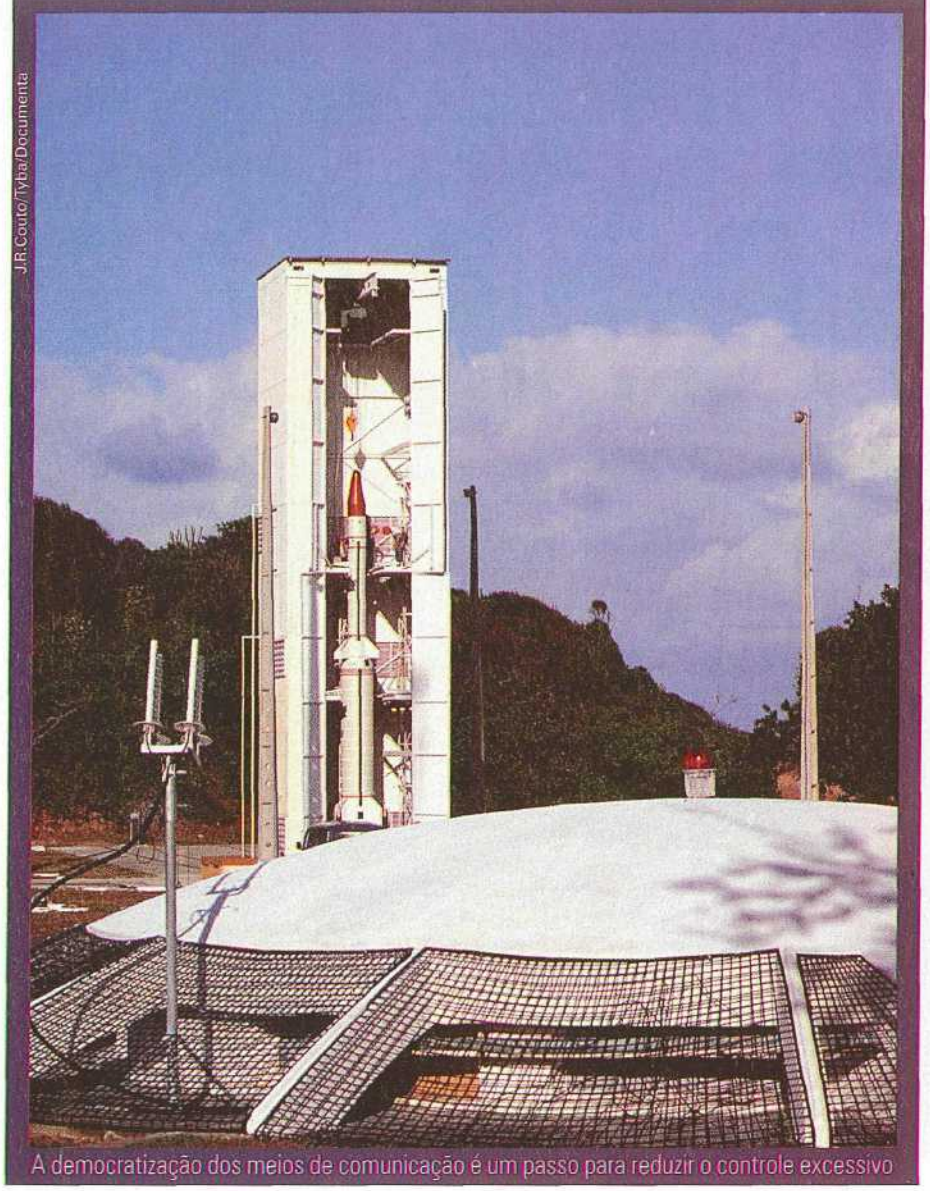
não se manifesta na presença do Grande Irmão, que monitora vidas passo a passo, mas sim pela exclusão pura e simples do acesso às novidades da tecnologia.

O vice-presidente da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), Beto Almeida, acredita que "a liberdade e a privacidade das pessoas não estão se perdendo por causa das novas tecnologias, mas pelo uso social que se faz delas". Para o jornalista brasileiro, "a tecnologia está ampliando o abismo entre ricos e pobres e, mais ainda, entre países centrais e subdesenvolvidos".

Almeida cita seu colega francês Alain Gresh para demonstrar sua teoria. Segundo Gresh, 94% das linhas telefônicas, 94% dos 245 milhões de microcomputadores e 97% das 60 milhões de linhas conectadas à Internet estão nos países ricos. O francês diz ainda que "dois terços da população mundial jamais fizeram uma chamada telefônica".

Para o vice-presidente da FIJ, o que pode ter motivado a volta da "paranóia" do Grande Irmão foi o surgimento da Internet. "Uma mensagem que mandamos pela Internet para a Itália, por exemplo, vai passar por vários canais antes de chegar a seu destinatário, ao contrário de uma carta, na qual o conteúdo tem maiores chances de se manter desconhecido", compara.

Ele descarta, no entanto, que a tecnologia esteja uniformizando as pessoas. Mas reconhece que "o controle sobre a vida se dá era outro nível, a partir do momento em que a notícia é gerada". É o que Beto Almeida chama de ditadura da informação: "A mídia lança informações controladas e além disso as pessoas têm poucas condições de fazer uma leitura crítica sobre o que ouvem e vêem."



J.R.Couto/Tyba/Documenta

A democratização dos meios de comunicação é um passo para reduzir o controle excessivo

Democracia

A democratização dos meios de comunicação, defendida por movimentos populares, é apontada pelo jornalista como a solução imediata possível para reverter o quadro que o avanço tecnológico pintou. Ele lamenta que "se caminha na direção inversa, e o exemplo é a Internet, que está se tornando um serviço privado".

O jornalista gaúcho James Görgen diverge de Beto Almeida. Para ele, o Grande Irmão é a sociedade, que impõe o consenso como dogma. "Com a globalização, as patrulhas do politicamente correto e a tecnologia da informação tornam real a fantasia do Grande Irmão", diz.

Já o consultor em tecnologia Jean Paul Jacob é radical ao afirmar que "a privacidade da classe média dos países ricos não existe mais". Jacob, que inclui em seu currículo 36 anos de serviços prestados à IBM, mostrou, em recente entrevista a uma revista nacional, que mesmo os defensores da privacidade não hesitam em fornecer seus dados pessoais a cada momento.

O fornecimento quase inconsciente de dados pessoais decreta, para Jacob, um controle sobre nossas vidas, "As empresas sabem tudo sobre nós", diz ele. E o que não sabem, descobrem com muita facilidade.

No trabalho

E esse controle não existe apenas em histórias dignas exclusivamente de filmes, até há pouco tempo. Cada vez mais as empresas estão controlando os passos de seus próprios empregados, de acordo com



o professor Virgílio Fernandes Almeida, do departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ele cita pesquisa recente realizada nos Estados Unidos, segundo a qual 36% das empresas que fornecem aos empregados acesso à Internet mantêm cópias das mensagens enviadas e recebidas na rede por correio eletrônico. Almeida alerta: "A questão da privacidade na era digital diz respeito à sociedade, que deve preferir prevenir o problema a remediá-lo".

> A sociedade deve previnir o problema, não remediá-lo
> FA

Almeida é mais um especialista que acredita no poder da própria tecnologia para evitar o controle das pessoas. Mas além desses meios de proteção "virtuais", o professor mineiro também fala da cruzada contra a invasão de privacidade nos Estados Unidos. Lá, são cada vez mais frequentes as ações sobre o tema na Suprema Corte, bem como a criação de organizações não-governamentais "criadas especificamente para defender a privacidade do cidadão comum".

Alternativas

Além de saber se o Grande Irmão está entre nós, a nos vigiar, muitos já discutem que alternativas existem ao absolutismo da tecnologia. O filólogo Noam Chomsky, um dos maiores pensadores da esquerda atual, nega a neutralidade da tecnologia pelas características do uso social que é dado a ela.

Já o escritor português António Joaquim de Sousa teoriza que "a informática pode servir para centralizar e controlar informação ou para descentralizar e democratizar; pode acabar com o trabalho mecanizado ou empurrar para a marginalização social setores cada vez maiores da população". Ele acrescenta que "o panorama de um admirável mundo novo, previsto por Aldous Huxley e George Orwell, está somente pré-anunciado".

O cronista, que tem se dedicado ao tema, até resgata um antigo mecanismo ateniense para contra-atacar o Grande Irmão. Ele fala da Ágora, espaço de decisões políticas dos gregos de antes de Cristo sobre o futuro de sua cidade.

Sousa reconhece que a tecnologia tem levado ao controle sobre as pessoas e a negação da cidadania a grande parte da sociedade. Mas ele contrapõe o absolutismo criado pela tecnologia, hoje, à sugestão de novas formas de gestão social, que poderiam ser viabilizados através de recursos tecnológicos.

Ou seja, a tecnologia deveria ser usada para "operacionalizar formas realmente democráticas de gestão da vida coletiva". O escritor cita o referendo e o plebiscito como dois mecanismos de consulta. "Todo esse futuro se aproximará ou se afastará de nós, conforme queiramos ou não nos servirmos da tecnologia com finalidades humanísticas", finaliza ele.

Por enquanto, o Grande Irmão tem vencido o combate contra a Ágora. E o Estado absoluto pode mesmo estar longe de nossa realidade. De qualquer forma, é melhor tomar cuidado. Você podia estar sendo observado enquanto lia esta matéria. FA



Internet é um dos canais que mais ameaça a privacidade

Quem entra na Internet já sabe de antemão que sua privacidade está sendo ameaçada. Há os subprodutos da rede, como os chats para bate-papo, nos quais os participantes usam pseudônimos, mas boa parte das informações que merecem crédito vêm com nome, sobrenome e e-mail.

Não foi exatamente em privacidade que pensou o casal Mike e Diana (nome de fantasia dos atores profissionais Ty Taylor e Michelle Parma), quando anunciou que perderia a virgindade ao vivo e a cores na Internet. Soube-se depois que tudo era armação, mas a farsa provou que não há limites à bisbilhotice na rede mundial. Que o digam os astros, como a atriz Daniele Winits (foto ao lado), que têm sua vida esquadrinhada na Internet em notícias e boatos, muitos boatos.

Especialista na rede mundial de computadores, Marcelo Simões é um dos que não vê problema em dividir sua privacidade, potencialmente, com 60 milhões de usuários da rede. Tanto que lançou site com sua biografia, dados completos e preferências. "Só faltou foto pelado", brinca.

Apesar de dizer que não se sente invadido, reconhece que "as pessoas têm direito à privacidade". Simões não teme nem mesmo fazer compras na Internet, expondo o número de seu cartão de crédito aos hackers, os piratas do ciberespaço.

Ele faz negócios concretos - compra livros - e também virtuais - programas sem pestanejar. "Acho que existe uma paranóia exacerbada na defesa da privacidade", diz.

ociação

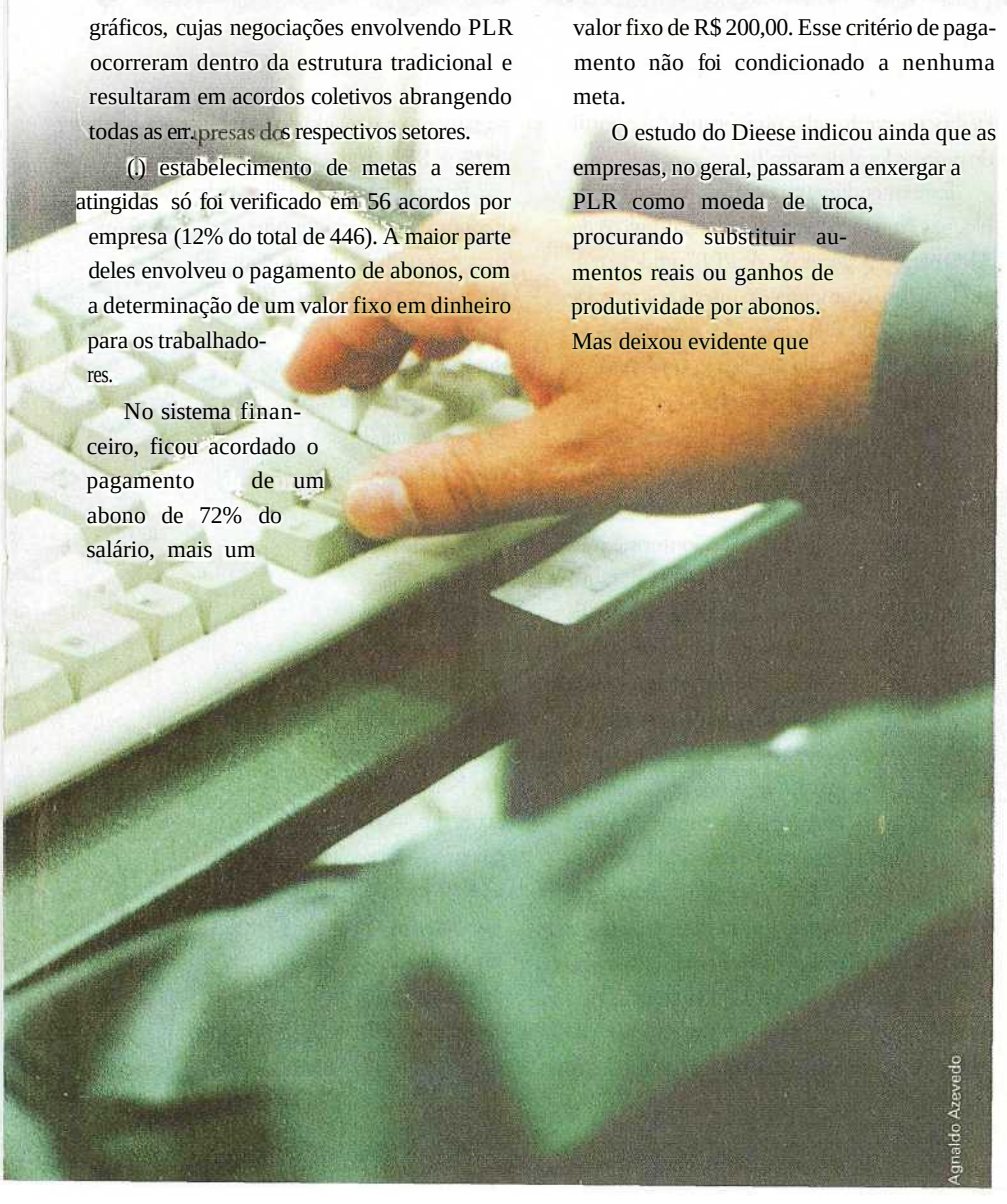
e em novo fator determinante na relação capital-trabalho

gráficos, cujas negociações envolvendo PLR ocorreram dentro da estrutura tradicional e resultaram em acordos coletivos abrangendo todas as empresas dos respectivos setores.

(.) estabelecimento de metas a serem atingidas só foi verificado em 56 acordos por empresa (12% do total de 446). A maior parte deles envolveu o pagamento de abonos, com a determinação de um valor fixo em dinheiro para os trabalhadores.

No sistema financeiro, ficou acordado o pagamento de um abono de 72% do salário, mais um valor fixo de R$ 200,00. Esse critério de pagamento não foi condicionado a nenhuma meta.

O estudo do Dieese indicou ainda que as empresas, no geral, passaram a enxergar a PLR como moeda de troca, procurando substituir aumentos reais ou ganhos de produtividade por abonos. Mas deixou evidente que



Agnaldo Azevedo

Medidas provisórias interferem nas negociações

No dia primeiro de julho último, a medida provisória que trata da PLR foi reeditada pela 45ª vez, sofrendo modificação no que se refere à participação dos trabalhadores em negociações com a empresa.

Antes, a MP previa a participação dos empregados no fechamento de acordo sobre participação nos lucros apenas por meio de uma comissão interna, com a presença de um representante indicado pelo sindicato. Agora, foi colocada também a opção de se firmar acordos por meio de convenções ou acordos coletivos de trabalho, onde quem negocia são as representações sindicais.

No entanto, para o assessor jurídico da FENAE, José Eymard Loguercio, a inclusão da segunda forma de negociação na MP deu apenas uma representatividade aparente aos sindicatos, já que as empresas sempre poderão optar pela negociação com as comissões internas. "A nova redação estabelece dois procedimentos excludentes", observa Eymard.

Além disso, na versão atual, a MP faz uma exigência que antes não existia: a participação na comissão interna fica restrita aos empregados da sede da empresa. Aí tolhe-se, na maioria dos casos, a presença da representação sindical, pois nem sempre as entidades têm representantes nas sedes, muitas delas simples escritórios.

Por essas e outras é que a Medida Provisória da PLR foi considerada inconstitucional ao passar pelo crivo do Supremo Tribunal Federal (STF). Mas o governo insiste em reeditá-la com as mesmas imperfeições.



Reforma tributária: promesssa eleitoral?

Era o ano de 1994. Durante a campanha eleitoral, o então candidato Fernando Henrique Cardoso afirmava que a reforma tributária se constituia em peça-chave para a saúde do plano Real. Movidos por essa promessa, os líderes governistas na Câmara Federal chegaram a criar, no início de 1995, comissão especial incubida de examinar o assunto, tendo como relator o deputado Mussa Demes (PFL-PI).

Promessa feita mas não cumprida, como muitas outras. Resumo da ópera: a comissão da Câmara foi logo depois esvaziada. Em março deste ano, quando Mussa Demes insistiu em ler seu parecer, a equipe econômica do governo federal já propunha "recomeçar" o debate. Passados quase quatro anos, o mesmo Fernando Henrique Cardoso - agora na condição de candidato à reeleição - volta a falar que, depois de eleito, a reforma tributária vai sair do papel. Acredite se...

Pendências na reforma da Previdência

O texto da reforma da Previdência que tramita no Congresso Nacional ainda não foi promulgado, porque falta votar vários destaques apresentados pela bancada de oposição. Ficaram pendentes os seguintes pontos: 1) votação do dispositivo que prevê fundos de pensão para os servidores públicos que ganhem acima de R$ 1.200,00; 2) dispositivo que versa sobre a aposentadoria especial; 3) retirada da idade mínima - 53 anos para o homem e 48 para a mulher - do regime chamado "transitório" dos celetistas.

Vale quanto pesa?

Determina a Constituição que cada estado do Brasil deve ter, no mínimo, oito deputados e, no máximo, 70. Conclusão: em alguns deles pode-se eleger um deputado com pouco mais de dois mil votos (votação que em muitas cidades não se elege um vereador), enquanto em outros necessita-se de pelo menos 20 mil.

Memória ao vivo

O Senado Federal lançou uma coletânea de CDs contendo discursos de parlamentares que marcaram a história do Congresso Nacional.

A seleção dos pronunciamentos poderia ter sido mais variada. Apesar disso, o documento é muito valioso na preservação da memória nacional, podendo vir a ser utilizado como material de consulta escolar.

Muda a neg

A participação nos lucros e resultados cresce em todas as categorias, transformando-s

Depois de um período de cautela e ceticismo mútuo quanto à adoção da remuneração variável, patrões e empregados - resguardadas as motivações de parte a parte - têm hoje a implantação desse mecanismo como meta ao sentarem à mesa para negociações.

Os trabalhadores buscam aumentar seus rendimentos e assegurar melhorias em suas condições de vida. Já os empresários procuram enfrentar as flutuações na demanda e na produção com menor rigidez em seus custos, tendo a remuneração variável como uma forma de aumentar a eficiência das empresas e evitar o crescimento inflexível na folha de pagamentos.

Conforme conceito adotado pelo Dieese, "entende-se por remuneração variável qualquer modalidade de pagamento percebida pelo trabalhador que se adiciona à remuneração fixa, direta e indireta, e está normalmente associada ao desempenho do indivíduo, da equipe e/ou de toda a organização". Seus valores apresentam flutuações, podendo inclusive ser nulos em algumas circunstâncias, como no caso de prejuízo da empresa e de metas não alcançadas.

APLR ajuda a implantara remuneração variável

FA

PLR A participação nos lucros e resultados é uma forma de remuneração variável por se constituir em pagamento adicional conforme o desempenho da empresa, sem se incorporar ao salário fixo. Em seminário promovido em 96 pela Febraban (Federação Brasileira dos Bancos) e o Instituto Brasileiro de Ciência Bancária (IBCB), o professor José Pastore, da USP, considerou a PLR uma maneira de implementar a remuneração variável. Segundo ele, é internacional a tendência de diminuição da remuneração fixa (RF) e de aumento da RV Seus dados indicam que, no Japão, em grandes e médias empresas, a RF responde por 60% da remuneração e a RV por 40%. Nos EUA, a RV responde por 20% e na Inglaterra (e Europa em geral) por 10%. O seminário foi acompanhado pela subseção do Dieese na FENAE.

Embora de adoção recente por aqui, é antiga no Brasil a discussão sobre a participação dos trabalhadores nos lucros ou resultados das empresas. Levantamento do Dieesè constata que em 1919 já houve tentativa de implantar tal estatuto. A Constituição de 1946 e as que se seguiram, inclusive as do período da ditadura militar, estabeleciam este preceito. Na Constituição atual, de 1988, há um capítulo assegurando essa participação aos trabalhadores.

A medida provisória que trata da participação nos lucros e resultados foi editada em 1994, mas tem-se como ponto de partida de sua implementação o mês de julho de 1995, quando os processos de negociação em torno da PLR tomaram impulso. A concentração de datas-base importantes no segundo semestre (bancários em setembro, a maior parte dos metalúrgicos e químicos em novembro) motivaram as discussões que seguiram pelos primeiros meses de *96.*

O Dieese analisou 448 acordos firmados entre julho de 95 e agosto de *96,* sobre PLR, e pôde constatar que 446 deles foram por empresas - 70% no ramo metalúrgico, 12% entre os trabalhadores borracheiros e 5% no setor químico. As negociações foram distintas das que normalmente.: ocorrem nas datas-base para renovação de acordos coletivos, quando o sindicato dos trabalhadores enfrenta o patronal nas mesas de barganha. Os sindicatos e/ou comissões de empregados enfrentaram do outro lado, na maioria dos casos, representantes de uma empresa.

As exceções ficam por conta dos acordos firmados por bancários de instituições privadas e

O direito de ser deixado em paz existe desde 1967

Se dependesse de convenções jurídicas, a privacidade das pessoas estaria garantida. Para o Congresso de Estocolmo, ainda em 1967, o Estado deve garantir "o direito de uma pessoa a ser deixada em paz para viver sua própria vida com o mínimo de ingerências exteriores".

O procurador de Justiça Jaques de Camargo Penteado, de São Paulo, lembra que a Constituição Federal considera invioláveis "a intimidade e a vida privada". Ele também cita a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que prega a proteção da lei ao cidadão que sofra "interferências na vida privada".

Por isso, Penteado defende que a segurança não deve violar os direitos humanos, através de legislação que "preserve as imagens gravadas e a disciplina de seu uso".

Marco Aurélio Rodrigues da Costa, advogado em Uruguaiana (RS), lamenta que, além da legislação falhar a respeito, poucas pessoas têm se dedicado aos novos crimes da tecnologia. Hoje, no direito brasileiro, Rodrigues da Costa informa que o Código Penal é adequado para alguns casos.

Também existe projeto de lei no Congresso Nacional que trata especificamente sobre crimes de informática. A futura lei, se aprovada, traz garantias contra ameaças à privacidade.

O advogado gaúcho é taxativo sobre os crescentes crimes contra a privacidade: "O advento da globalização provocou esta situação, e sua domesticação passa necessariamente por controles".

Ficção é pioneira em denunciar risco

Cinema e literatura alertam desde o início do século

A literatura e o cinema têm seguido o filão ampliado por George Orwell com retratos de sociedades dominadas pelo totalitarismo. Obras fracas não sobreviveram, mas muitas viraram clássicos.

"Admirável mundo novo", de Aldous Huxley, é anterior a "1984". Escrito em 1932, relata um futuro em que o domínio da tecnologia cria uma sociedade desumanizada. Orwell ainda retoma suas críticas ao Estado absoluto em "A revolução dos bichos". Já em "Fahrenheit 451", o inglês Ray Bradbury estende os tentáculos do Estado ao fim dos livros - o título evoca a temperatura à qual o papel se queima. François Truffaut filmou o clássico sem dever nada ao original.

Outros livros seguem a denúncia ao totalitarismo: "A humanidade artificial", de Edmund Cooper é um dos exemplos. Ou então "Duna", de Frank Herbert, que virou filme dirigido por David Lynch, e "Do androids dream of eletric sheep?", de Philip K. Dick, que originou "Blade runner", filmado por Ridley Scott.

"1984" também virou filme. Dirigido por Michael Radford, conseguiu manter a essência do livro, segundo os críticos. Mas o maior clássico da ficção é justamente seu primeiro exemplar, "Metropolis", de 1927, do alemão Fritz Lang. Para criticar a revolução industrial e defender o socialismo, Lang descreve uma sociedade dividida entre controladores e explorados.

Já com maiores recursos tecnológicos, mas mantendo a linha de "Metropolis", George Lucas filmou "THX-1138" na década de 70 e Terry Gilliam fez "Os 12 macacos" no ano passado.

Mesmo longe da ficção, o controle sobre as pessoas rende bons roteiros. O mestre Alfred Hitchcock usou o suspense de sempre em "Janela indiscreta". No filme, os moradores de um prédio tinham sua rotina acompanhada sem saber.

Ainda este ano, Barry Levinson dirigiu uma comédia estrelada por Dustin Hoffman e Robert de Niro, com trilha sonora de Mark Knopfler. Em "Wag the dog" (em português, "Mera coincidência"), que mostrou a manipulação de informações, o povo americano foi enganado com uma guerra que não existiu. Não por acaso, foi um fracasso nas bilheterias dos Estados Unidos.



Ricardo Matta/Tyba/Documenta



o impacto dos 448 acordos por PLR, que chegaram a proporcionar a distribuição por parte das empresas de cerca de R$ 750 milhões, reforçou a "tendência de sua difusão como instrumento para trazer benefícios aos assalariados".

Prioridade

Levando-se em conta as experiências iniciais, parcela significativa do movimento sindical ligado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) passou a priorizar acordos que estabeleçam a participação dos trabalhadores nos resultados das empresas, já que no sistema de participação nos lucros a tendência é de que haja um simples repasse de informações da empresa sobre o lucro contabilmente apurado, sem um maior controle da parte dos trabalhadores. A participação nos resultados está diretamente vinculada a metas (de produção, produtividade, etc), permitindo assim um controle mais direto por parte dos trabalhadores e suas representações, já que as informações sobre as variáveis em questão são facilmente conhecidas ou mensuradas a partir do próprio local de trabalho.

A CUT prefere acordos que priorizem a participação FA

Esse entendimento está exposto, por exemplo, nas "novas diretrizes dos metalúrgicos do ABC para as negociações de PLR", onde se tem ainda como recomendação inserir nas negociações o controle do processo de reestruturação produtiva, redução da jornada de trabalho e de horas extras, melhorias nas condições de trabalho, qualificação profissional e negociação acerca da terceirização.

Bancos

Conforme observa a subseção do Dieese na FENAE, na Convenção Coletiva 96/97 dos bancários do setor privado ocorreram mudanças em relação à de 95/96. Se por um lado foi mantida a forma de pagamento - um percentual sobre o salário acrescido de um valor fixo para todos os trabalhadores -, por outro foram estabelecidos parâmetros limitando o repasse a não menos que 5% e não mais que 15% do lucro líquido, não podendo ainda superar dois salários por empregado. Na Convenção Coletiva 97/98 apareceu outra novidade: o pagamento parcelado do montante acordado (80% + R$300,00).

Entre os bancos públicos federais, a Caixa Econômica Federal foi quem esboçou algumas tentativas de implantação de remuneração variável. Em outubro de *96, a* empresa introduziu de forma unilateral o Prêmio por Desempenho Gerencial (PDG), que vigorou até junho de 1997, quando passou a ser paga a Gratificação Especial Temporária por Atividade Gerencial (Getag).

Nas negociações dos acordos coletivos referentes a 96/97 e 97/98, a representação dos empregados assegurou o pagamento de abonos que somaram R$ 5.500,00 para cada empregado. FA

Direção da Caixa tenta excluir as representações sindicais

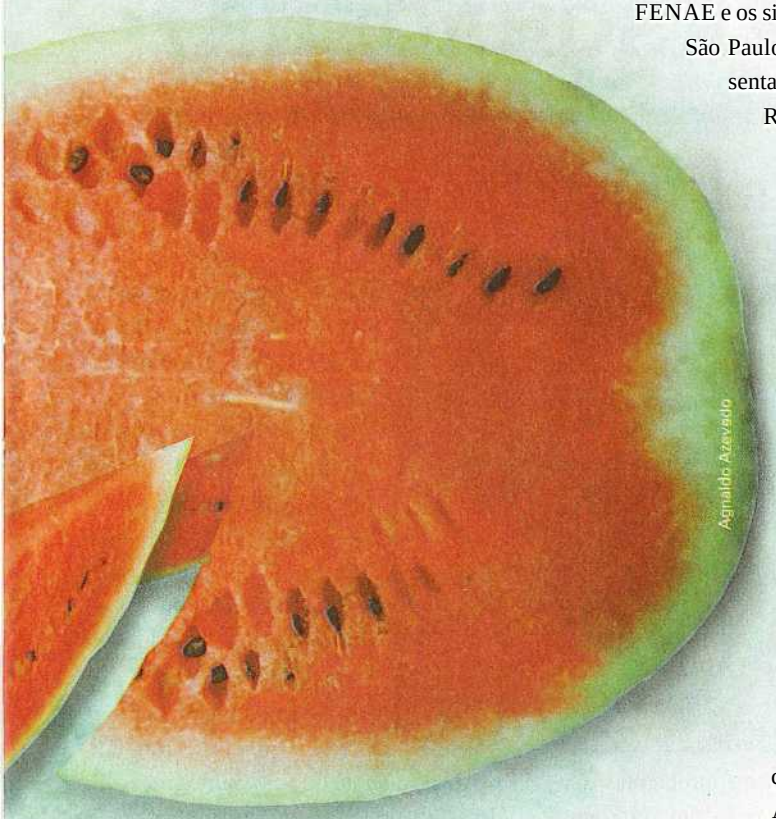
Entidades recorreram à Justiça para garantir participação legítima dos trabalhadores

A Caixa Econômica Federal está implantando este ano um programa de remuneração por resultados, através de um processo definido de forma unilateral e que excluiu a participação das principais representações sindicais dos empregados.

A proposta foi divulgada pela empresa em novembro de *97*, com a eleição dos representantes dos empregados em cada unidade - os chamados "facilitadores" - sendo feita em apenas três dias úteis. Entre estes "facilitadores", foram escolhidos, também a toque de caixa, os membros da comissão que irá discutir o PRR - Programa de Remuneração por Resultados. O açodamento da empresa deixou clara a sua intenção de alijar os sindicatos e associações de pessoal das discussões, criar uma comissão apenas para referendar a sua proposta e assim cumprir formalmente a medida provisória da PLR.

A falta de democracia e de transparência no processo de elaboração do programa levaram as entidades dos empregados a contestarem na Justiça a sua implementação. A FENAE e os sindicatos de Brasília, Rio e São Paulo ingressaram com representação na Procuradoria Regional do Trabalho de Brasília, alegando desrespeito ao acordo coletivo de trabalho, à CLT e à própria Constituição Federal. Tinham por base ainda um parecer do ministro do Supremo Tribunal Federal limar Galvão, que havia entendido como obrigatória a negociação da PLR com os sindicatos.

A direção da Caixa manteve-se irredutível, conseguindo assim levar adiante um programa em que prevalecem suas diretrizes, com prejuízo para as propostas dos empregados.



PRX O programa foi apenas apresentado à Comissão de Empresa dos Empregados, já com o nome de PRX. A apresentação ocorreu no início de março deste ano. A remuneração por resultado será composta por uma parcela de 40%, vinculada ao resultado global da empresa, e outra de 60%, vinculada ao resultado por equipe.

Os representantes dos empregados consideram muito desigual a forma de distribuição da participação nos resultados, pois a parcela de um empregado pode ser seis vezes a de outro que trabalha na mesma equipe, sendo que a própria remuneração fixa já apresenta diferenças que poderiam refletir os distintos graus de responsabilidade e complexidade das tarefas de cada um. Para entidades sindicais, a grande desproporção entre o maior e o menor valor previsto para funcionários de uma mesma unidade pode comprometer o espírito de equipe que o programa afirma querer estimular.

O pagamento da participação será semestral, em março e setembro de cada ano. Pelo que diz a direção da empresa, o primeiro já deverá ser feito em setembro próximo.

De acordo com os critérios definidos unilateralmente pela Caixa, estarão excluídos do pagamento todos os empregados que registrarem menos de 30 dias de trabalho, por qualquer motivo, ou mais de três faltas não justificadas. Ficam fora também os que tiverem mais de uma pena de advertência ou pena de suspensão e os demitidos sem justa causa.

Há 28 anos...

Nasce uma jovem de 109 anos

Junho de 1973 - A fusão das 21 Caixas Econômicas então existentes, que possibilitou o início das atividades unificadas da Caixa Econômica Federal, viria a servir também de modelo para a criação da FENAE, resultado da união das associações do pessoal da Caixa. O FENAE Notícias de junho/agosto comemora o terceiro ano de atuação da CEF unificada. "Em 31 de julho de 1970, ao sufgir na vida brasileira como empresa pública, a nossa Caixa Econômica Federal já era adulta de 109 anos", diz a publicação da federação.

Antes da unificação, as várias Caixas existentes nos estados tinham "políticas diferentes, rotinas peculiares, orçamentos próprios", de acordo com o FENAE Notícias. A maior parte delas, ainda segundo o jornal, estava em "franca deterioração".


FENAE NOTÍCIAS

ANO I Número 3

O PODER DE CRIATIVIDADE DOS ECONOMÉIOS

O PRESIDENTE MEDICI E A VALORIZAÇÃO DO HOMEM

CEF - ANO 3

FENAE Notícias de junho/agosto de 1973

Com a mudança, a FENAE avalia que a empresa passa a participar de forma ativa do famoso "milagre brasileiro", fruto da política econômica adotada pela ditadura militar e que, ainda na década de 70, entraria em colapso.

O editorial do FENAE Notícias pede ainda que o trabalho dos empregados da Caixa seja valorizado. A Federação acredita que o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici teria condições de promover essa "metá-homem", já que seu governo "proporciona os instrumentos necessários para o atual desenvolvimento da CEF".

NOSSOS PERSONAGENS

Revolta de Vila Rica contesta cobrança do quinto

Em reação à política fiscal de Portugal, dá-se em 1720 a Revolta de Vila Rica, liderada por Felipe dos Santos.

Em 1718, a política fiscal em Minas Gerais tornara-se mais repressiva, com os funcionários nomeados ou os contratadores obtendo o privilégio da cobrança de impostos.

A Coroa estabeleceu também, em 1719, uma nova forma de cobrança do quinto sobre ouro. A circulação do ouro em pó foi proibida e o minério passou a ser negociado apenas depois de passar pelas casas de fundição, sob controle português, onde era fundido, selado e "quintado" (descontado em um quinto de seu peso para pagamento do imposto).



A medida provocou problemas na região, que usava o ouro em pó como moeda. Surgiram então vários pequenos levantes, logo sufocados pelas tropas que haviam acompanhado o novo governador, o Conde de Assumar.

O movimento mais sério ocorreu já em 1720, através dos mineiros de Vila Rica, e ficou conhecido como "Revolta de Felipe dos Santos". Os rebeldes exigiam, entre outras coisas, o abandono do projeto das fundições.

Assumar organizou a repressão e prendeu vários líderes do levante. Felipe dos Santos foi enviado a julgamento sumário, enforcado e esquartejado como "exemplo". FA

Esperança para os bancos estatais

Aloysio Biondi

Até o presidente FHC deve estar em dúvida sobre a decisão de privatizar os bancos estatais, e apostaina "competência" dos banqueiros privados. Dúvida, aliás, que brotou também entre os próprios organismos internacionais, como o Banco Mundial, que vêm impondo a política de "redução da presença do Estado na economia", fazendo coro com o FMIe o governo dos EUA. As convicçõesprivatizantes de FHC têm sofrido abalos sucessivos, com episódios recentes - que poderão ser devidamente utilizados pelas entidades sindicais para demonstrar, à opinião pública, o papel insubstituível que os bancos públicos devem desempenhar.

1 - Exportações

Ao lançar o pacote de outubro de 1997, o governo criou um sistema para estimular os bancos a fornecerem financiamento também a micro e pequenas empresas que tenham a possibilidade de exportar. Trata-se de um "fundo de aval", pelo qual o governo paga até 70% do empréstimo caso o empresário, no futuro, deixe de quitar a dívida. Os recursos são do próprio governo (BNDES), cabendo aos bancos privados repassá-los. Incrível, mas verdadeiro: seis meses depois, apenas três operações haviam sido feitas... Mesmo ficando com o "risco" de apenas 30% da operação, os bancos privados não se interessaram pela área. Os empresários continuaram sem crédito, o país sem os dólares (e os empregos, e os impostos) das exportações...

2 - Exportação, ainda

Também o programa de financiamento a empresas médias, fornecedoras de peças e componentes para grandes indústrias exportadoras, fracassou. Segundo o ministro Medonça de Banos, esse programa e o fundo não "pegaram ".

3 - Agricultura

É ultraconhecida a resistência dos bancos privados em realizar empréstimos aos agricultores, utilizando toda a sorte de manobras (com a conivência do Banco Central) para driblar eventuais obrigações criadas pelo governo. Mais de uma vez, publicamente, o presidente FHC lançou "apelos" aos banqueiros privados para que mudassem esse comportamento.

Mas o governo sabe que está chovendo no molhado, tanto que o plano de financiamento para a próxima safra (98/99) prevê que, do total de R$ 10 bilhões prometidos, nada menos de R$ 8 bilhões sairão do Banco do Brasil...

4 - Emprego

Até junho último, o governo enfrentou outro fracasso: o Proger, programa para a criação de emprego e renda, não havia deslanchado. Exemplo: em São Paulo, de um total de 40 mil pedidos encaminhados pela Força Sindical (govemista), apenas pouco mais de 100 haviam sido efetivados em empréstimos para a criação de microempresas... Agora, mais uma vez, o Banco do Brasìl foi incumbido de uma "blitz"para agilizar o programa...

5 - O Banco Mundial

O vice-presidente do Banco Mundial, Josenh Stiglitz, tomou a iniciativa de abrir o debate, entre os próprios defensores do chamando "neoliberalismo", sobre erros cometidos nos últimos anos com base no famoso Consenso de Washington, fundamento daquela política. As principais críticas de Stiglitz foram transcritas pela "Folha de São Paulo" em seu caderno "Mais", do último dia cinco de agosto de 1998. Além de questionar a velocidade excessiva no processo de privatização, Stiglitz volta suas baterias contra os bancos privados e aponta que a crise no Japão, Coréia e Indonésia não se deve a erros dos governos locais, mas sim aos excessos cometidos pelos banqueiros e sistema financeiro em geral. Isto é, diz o vice-presidente do Banco Mundial, há falta de regulamentação, para o mercado, por parte dos governos. Um "excesso de liberdade", preconizado pelos neoliberais, e pelo qual toda a sociedade está pagando.

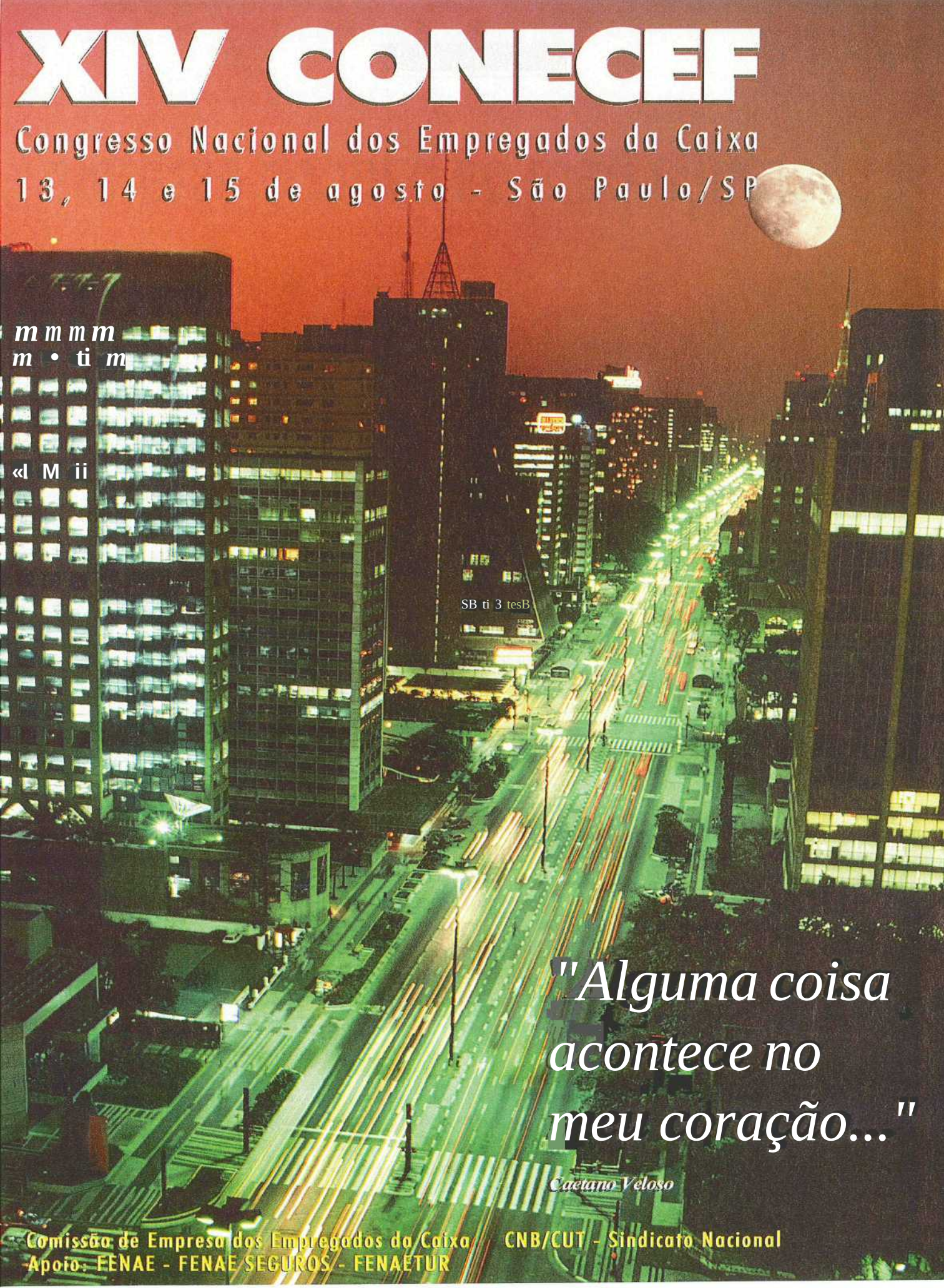
São dados novos para o debate sobre a presença do Estado no mercado financeiro no Brasil.

Aloysio Biondi, jornalista FA

XIV CONECEF

Congresso Nacional dos Empregados da Caixa

13, 14 e 15 de agosto - São Paulo/SP



"Alguma coisa acontece no meu coração..."

Caetano Veloso

Comissão de Empresa dos Empregados da Caixa / CNB/CUT - Sindicato Nacional

Apoio: FENAE - FENAE SEGUROS - FENAETUR

Bolão sai para Brasília

Márcia Regina Lazar, do DF, ganhou o prêmio do Boião da Copa do Mundo



Uma pose para registrar o grande momento, na Matriz da Caixa



Fotos: Agnaldo Azevedo

"Betão", (FENAE), entrega o prêmio à Márcia, sob o olhar de Enilson Cardoso (SEEB/DF)

Para tristeza geral, a convulsão de Ronaldinho momentos antes da final da Copa do Mundo tirou o pentacampeonato do Brasil, mas fez com que a empregada da CEF Márcia Regina F. Lazar abrisse um largo sorriso na tarde do último dia 23, em pleno horário de expediente do Gecoi, na Matriz da Caixa, em Brasília. Ela havia apostado na França como a campeã do Mundial e ficou sabendo que foi a sorteada no Bolão da FENAE.

O bolão contabilizou total de 1.216 palpites

O resultado foi anunciado no local de trabalho da ganhadora pelo diretor de Relações do Trabalho da FENAE, João Alberto Moschkovich, o Betão. Junto com ele estavam o diretor do Sindicato dos Bancários do DF e membro da Comissão de Empresa dos Empregados da CEF (CEE/CEF), Enilson Cardoso, e Francisco Erismar, também da CEE/CEF.

O bolão contou com a participação de 1.216 empregados da Caixa, em todo o país. Márcia foi sorteada entre as 81 pessoas que tiveram o mesmo palpite. O prêmio são duas passagens - de ida e volta - para qualquer capital de estado, com hospedagem durante um final de semana. As passagens são válidas de 15 de agosto a 15 de novembro deste ano e de 15 de março a 10 de junho de 99.

A ganhadora conta que nunca havia sido contemplada em sorteios e considerou estimulante a iniciativa de FENAE AGORA nesse tipo de promoção.

A lista dos palpiteiros

Acreditaram no taco, ou melhor, nos pés de Zidane e Cia

São Paulo	19
Paraná	9
Distrito Federal	8
Rio Grande do Sul	6
Bahia	5
Minas Gerais	5
Mato Grosso do Sul	4
Amazonas	3
Rio de Janeiro	3
Sergipe	3
Goiás	2
Espírito Santo	2
Ceará	2
Pernambuco	2
Santa Catarina	2
Acre	1
Maranhão	1
Mato Grosso	1
Pará	1
Paraíba	1
Alagoas	1
Total	81

O melhor lugar do mundo é aqui

José Trajano



Como é bom voltar para casal A França tem a língua mais charmosa, tem o melhor queijo e o melhor vinho. Paris é a capital mais bonita do mundo. Mas, parafraseando Gil, o melhor lugar do mundo é aqui. Ainda que me falte a vista da Lagoa Rodrigo de Freitas, como escreveu o mestre Carlos Heitor Cony, em sua volta ao país, após um tempão na França. É muito bom retornar ao Rio depois de 45 dias. Duro mesmo será me recompor da maratona de 14 a 15 horas de trabalho por dia, com cinco horas de diferença da França.

A grande recompensa, no meu caso, foi a consagração da ESPN Brasil, apontada pelos assinantes como a melhor programação durante a Copa do Mundo. Duro na volta ê dar de cara com a ressaca do futebol nacional. Campeonato Brasileiro, Copa Conmebol, CBF, Caixa d'Água, Farah etc. Tudo vai continuar exatamente igual?

As boas notícias são poucas, ainda que relevantes. O Ministério Público está agindo contra a aberração do 0900. É verdade que é a décima vez que isso acontece, mas urna hora a casa cai. Também do Ministério Público, uma procuradora (procuradora e juízas são sempre mais corajosas do que os homens para mexer nesses vespeiros) está exigindo explicações sobre o tour da França oferecido pela CBF aos desembargadores e seus familiares.

A história da falta de ingressos, outra indecência, continua mal contada. Enquanto centenas de turistas que pagaram não puderam assistir aos jogos, alguns cartolas lá na França vendiam ingressos no câmbio negro com um lucro de mais de 1000%.

Fico pensando em um artigo escrito por Roberto Pompeu de Toledo em uma edição da revista "Veja", sobre o sopapo que o futebol deu na cara de Le Pen, o líder direitista na França. Ele, que odeia imigrantes, teve que fingir comemorar uma vitória de Zidane, Lizarrazu, Djorkaeff, Barthez, Thurran etc. Todos filhos de imigrantes.

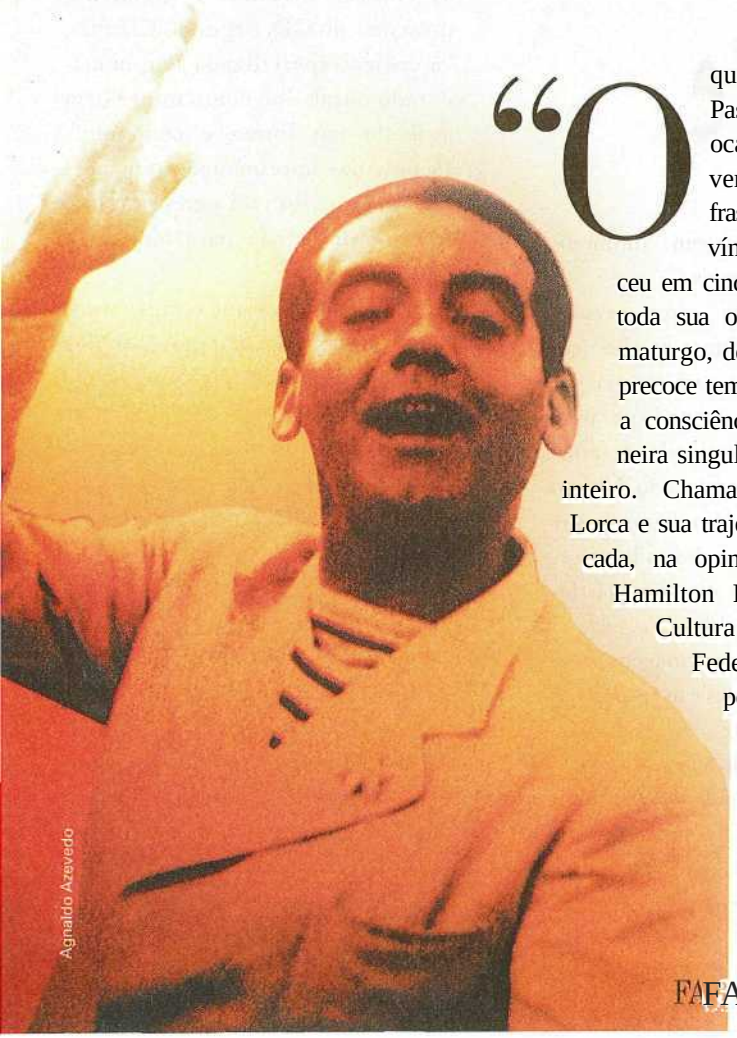
No caso Ronaldinho não vou nem tocar muito. É um quiproquó que enrolou todo mundo, do Lídio Toledo, que teve a cara-de-pau de confessar que não lembra do calmante que receitou para o craque, ao próprio Ronaldinho, que não tem falado coisa com coisa. Falta a tal transparência, como até o capitão Dunga exigiu ao voltar para o Brasil.

O futebol brasileiro precisa mudar. Nem sempre somos os melhores do mundo. Dou daqui meus parabéns ao Jucá Kfouri, mosqueteiro em defesa da moralidade esportiva. Ainda bem que não ganhamos o penta, não merecíamos mesmo.

José Trajano,
jornalista FA

Cem anos para Federico Lorca

Poeta espanhol, cujo centenário de nascimento se comemora em 7338, foi vanguardista e soube como poucos penetrar na alma do ser humano



Agnaldo Azevedo

"O que me importa é viver. Passo os dias na rua em ocasiões, nos cafés, conversando". O autor dessa frase é espanhol da província de Granada, nasceu em cinco de junho de 1898 e toda sua obra como poeta, dramaturgo, desenhista e compositor precoce tem como objetivo atingir a consciência do ser, numa maneira singular de falar ao universo inteiro. Chama-se Federico Garcia Lorca e sua trajetória literária foi marcada, na opinião do poeta goiano Hamilton Pereira (secretário de Cultura e Esporte do Distrito Federal), "pela invenção e pela capacidade de criar beleza".

Pereira afirma que Lorca sintetiza a tragédia do século XX. O poeta espanhol morreu em 1936, aos 38 anos de idade, assassinado pela ditadura do general Franco.

Grande parte dos seus primeiros trabalhos se baseou em temas relativos à Andaluzia ("Impressões e paisagens" - 1918), à música e ao folclore regional ("Poemas do canto fundo" - 1921/22) e aos ciganos ("Baladas ciganas" - 1928). Como dramaturgo, Lorca fez incursões no drama histórico, na farsa e na tragédia. Obras como "Bodas de sangue" (1933), "Yerma" (1934) e "A destruição de Sodoma" (1935) asseguram-lhe, segundo a dramaturga paraibana Lourdes Ramalho, o título de maior dramaturgo do século XX.

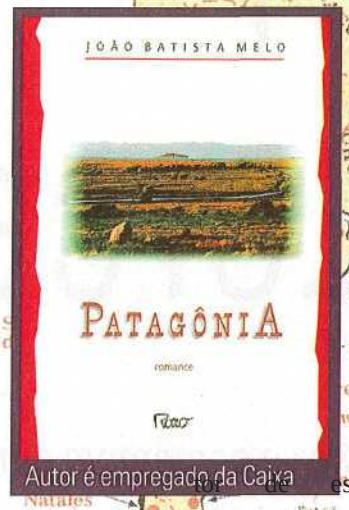
Para Ramalho, a característica mais marcante da obra de Lorca foi a defesa da mulher. Diz ela: "Lorca soube penetrar na alma do ser humano, numa época que isto era tabu". Semelhante opinião tem Hamilton Pereira, para quem o poeta espanhol traz consigo um forte laço de transgressão na criação poética, na política e na orientação sexual, não aceitando a banalização da morte.

Patagônia, o livro



O homem carregado de culpa atravessa a Patagônia para vingar a morte de seu irmão.

Esse é o tema do livro do mineiro João Batista Melo, "Patagônia", que promove uma mistura explosiva de gêneros: desde o romance histórico até o western com desertos, cavalos, índios e armas.



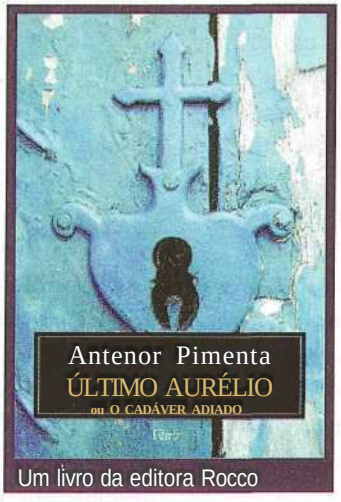
Autor é empregado da Caixa

O protagonista é Otaviano Caldeira, mineiro que no início do século XX sai de Diamantina e percorre o sul da Argentina atrás de Butch Cassidy, o famoso e procurado assaltante de trens norte-americano que se refugia na América do Sul após ter matado o irmão do brasileiro.

João Batista Melo é de Belo Horizonte, formado em Comunicação Social e empregado da Caixa. Esse romance é o seu terceiro livro, já que antes publicou "O inventor de estrelas" e "As baleias do Saguenay", ambos de contos. Publicado pela editora Rocco,o livro de 297 páginas se encontra nas principais livrarias do país.

Ficção = realidade

"Último Aurélio ou o cadáver adiado" é o romance que o também mineiro Antenor Pimenta está lançando pela editora Rocco.



Um livro da editora Rocco

O livro mistura ficção e realidade. A saga se passa no interior de Minas Gerais, na pequena São João Evangelista, cidade natal do autor. Baseada em alguns fatos reais, episódios das vidas de moradores, suas raízes e mistérios, a história passa pelo todo-poderoso bisavô do autor na vida real, coronel Cornélio Pimenta, a partir do qual surgem inúmeros personagens.

Entre esses personagens destaca-se o homem marcado para morrer por ter se apaixonado por uma moça destinada à santidade. Condenado, Último Aurélio lê o diário de sua mãe, que desnuda os segredos e mentiras das famílias nobres da região.

Os personagens bem delineados e as tramas habilmente engendradas, contando a história da criação da pequena cidade de São João Evangelista, fazem do romance de Antenor Pimenta, empregado da Caixa, uma leitura cativante.

"Rupestre" resgata sons africanos e indígenas

Música com o dedo do empregado da Caixa. "Rupestre", de André Lopez, foi produzido pela caixa executiva Cláudia Cidrack e traz várias referências ao Ceará, terra do artista, e ao Rio de Janeiro, cidade onde viveu vários anos. O mar e a noite estão presentes em várias das músicas, além de preocupações sociais e ecológicas.

Nos shows de divulgação, André Lopez tem dado ênfase ainda maior às batidas africanas e indígenas, presentes no CD. Segundo Cláudia, "a crítica especializada tem considerado o trabalho como muito bem acabado em forma e conteúdo". Depois das apresentações em Fortaleza, o artista está percorrendo o interior do estado para mostrar o disco.

Esta é a forma que o músico encontrou para escapar ao esquema das grandes gravadoras, que ditam a moda nas emissoras de rádio. "As gravadores comerciais se articulam com a mídia para a divulgação de seus discos, deixando um espaço residual que é ocupado ainda de modo desorganizado pelos autores independentes", completa Cláudia.

Além de produzir o CD, Cláudia também toca percussão em "Um camponês". Ela trabalha na agência Virgílio Távora, onde o disco pode ser encomendado, pelo telefone (085) 264-2355. A obra pode ser comprada ainda pelo telefone (085) 234-4088.



Cruz e Sousa, o poeta do simbolismo no Brasil

O simbolismo, movimento artístico que se desenvolveu na Europa do século XIX (particularmente na França - entre 1880 e l890), prega que a função da arte é sugerir, através de símbolos, a realidade transcendente que está além da superfície aparente das coisas. No Brasil quem melhor traduziu as idéias simbolistas foi o poeta catarinense João da Cruz e Sousa, nascido em 1861 nos porões de uma senzala.

Cruz e Sousa é filho de escravos, mas foi educado por uma família de senhores que o adotou ainda criança.

No ano de 1890 Cruz e Sousa mudou-se para o Rio de Janeiro. A transferência para a então capital do país fez com que a produção literária do poeta, iniciada em 1885 com a publicação de "Trapos e fantasias", ganhasse estatura nacional. Tanto que em 1893 ele publica os poemas "Broquéis e missal", obras que inauguraram oficialmente o simbolismo brasileiro (que durou até 1917).

Da obra de Cruz e Sousa surgiu a mais pura linhagem da genealogia poética do Brasil. Sua militância de homem negro refletiu-se por toda a sua produção literária. Foi abolicionista, estigmatizou os escravocratas e lutou abertamente contra todas as formas de discriminação.

A poesia de Cruz e Souza continua relativamente desconhecida em território brasileiro. Para não deixar o centenário de sua morte passar em branco, comemorado neste ano de 1998, o Congresso Nacional realizou concurso de monografia para a outorga do Prémio Cruz e Sousa, iniciativa dos senadores Abdias Nascimento (PDT-RJ) e EsperidiãoAmin (PPB-SC).

O ano da divina Elizeth

Tárik de Souza

Sem muito alarde (como era de seu feitio), este foi o ano da divina dama da canção brasileira Elizeth (Moreira) Cardoso (1920-1990). Nada menos de oito CDs lançados por gravadoras diferentes evocam a carioca de São Francisco Xavier, criada em Jacarepaguá, que começou na música enfeitiçada pelo violão tocado pelo pai, o amador Jaime, e pelas cantigas da mãe, Maria José, a baiana "Moreninha". Através da RGE, seu primeiro repertório na gravadora Todamérica, registrado ainda em discos 78 rotações, foi relançado integralmente em três CDs com texto deste que vos escreve. Pela EMI, parte do (maior) acervo da cantora, da extinta gravadora Copacabana, saiu na caixa de 4 CDs 'A divina", e por último, via Movieplay, pela primeira vez em CD um dos marcos inaugurais da bossa nova, o disco "Canção do amor demais", editado no pequeno selo cultural Festa, em 1958.

Apesar de aos cinco anos já entoar na gafieira Kananga do Japão a buliçosa marcha "Zizinha", ela só foi descoberta aos 15, pelo luminar Jacob do Bondolim, que a levou para o "Programa suburbano" da rádio Guanabara, ao lado de Araci de Almeida, Noel Rosa, Vicente Celestino e Moreira da Silva. Parecia o início de uma escalada fulminante, seguida de contratos nas rádios Educadora e Transmissora. Mas Elizeth (que passaria por profissões como cabeleireira, operária e balconista) ainda ralaria muito como passista, taxi-girl, crooner e cantora de circo (em dupla com Grande Otelo) até conseguir gravar um disco, em 1950, um 78 rotações na marca Star (depois Copacabana) com as músicas "Braços vazios" e "Mensageiro da saudade", recolhido por problemas técnicos. A estréia tardia que acabou valendo ocorreu no mesmo ano, pouco depois dela completar 30 de idade.

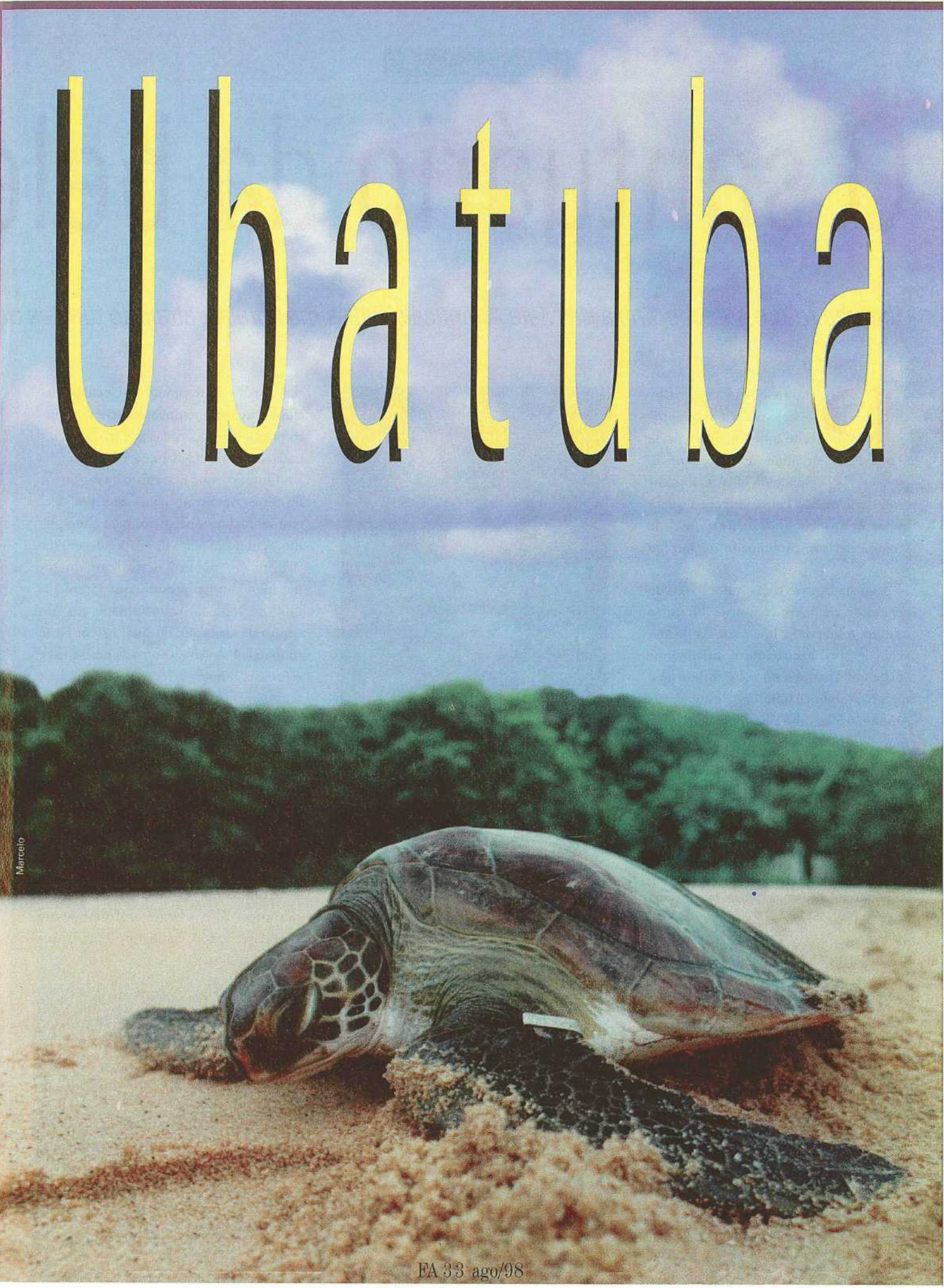
É a Elizeth dos três CDs da Todamérica de repertório ainda cambiante entre sambas canções como "Complexo" (que já alertava na letra, " Freud está com razão ") e o que se tomaria seu hino, "Canção de amor", do humorista Chocolate e Elano de Paula, irmão de Chico Anísio e "Dá-me tuas mãos" (Erasmo Silva/Jorge de Castro) a boleros ("Fantasia ", "É sempre assim ") e até marchinhas carnavalescas ("Ai, ai janot", "O homem do passado"). Ao todo, neste começo de carreira fonográfica, entre 1950 e 1955, Elizeth gravou dezoito 78 rotações na Todamérica, num total de 36 faixas. Na caixa A divina" (80faixasselecionadasentre 1957 e 1977) seu edetismo está mais depurado. Clássicos de Ary Barroso ("É luxo só", "Risque"), NoelRosa ("Feitio de oração", "Fita amarela", com Sílvio Caldas) convivem com a lançadora de sucessos da dupla Haroldo Barbosa/Luís Reis ("Moeda quebrada", "Nossos momentos", "Tudo é magnífico"), a fabulosa intérprete dos chamados sambistas de morro como Cartola ("Fiz por você o que pude"), Nelson Cavaquinho ("Quando eu me chamar saudade", "Luz negra"), Nelson Sargento ("Ele deixou"), Zé Keti ("Diz que fui por aí", "Malvadeza Durão").

> A divina Elizeth Cardoso trabalhou como passista, taxi-girl, crooner e cantora de circo, antes de gravar seu primeiro disco

Já "Canção do amor demais" entre 12 cordas, dois trombones, flauta, trompa e seção rítmica é o disco que lançaria João Gilberto (apenas ao violão em algumas faixas). No seletíssimo repertório apenas composições da iniciante dupla Tom jobim e Vinícius de Moraes ("Chega de saudade", "Eu não existo sem você", "Modinha"), incluindo um obscuro baião ("Vida bela"), algumas só de Vinícius ("Serenata do adeus", "Medo de amar") e outras apenas de Tom ("Outra vez", "As praias desertas"). A soma destes lançamentos atesta porque a Enluarada, a Divina, a Magnífica cumulou de superlativos a arte de cantar.

Tárik de Souza,
jornalista

Ubatuba



Marcelo

O santuário da belc

Ubatuba reúne a exuberância da Mata Atlântica a belíssimas praias, atraindo turistas de

Pendure o paletó e a gravata, coloque o tênis e aproveite o que a vida tem de melhor. É isso que a cidade de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, oferece a quem quiser aproveitar um excelente final de semana, feriado prolongado ou mesmo férias.

Mas não pense que estamos falando apenas do verão. Ao contrário, durante o outono, o inverno e boa parte da primavera, de abril a novembro, dificilmente chove em Ubatuba. O sol é forte e gostoso. Na sombra é refrescante e agradável. À noite, o friozinho é bom pra comer um foundee, tomar um vinho, namorar e dormir.

Integração

Ubatuba não é apenas uma cidade praiana, mas provavelmente a única região da costa brasileira que reúne a exuberância da Mata Atlântica com belíssimas praias. Há um ponto da região em que ambas se encontram. Não há descrição que faça jus a tanta beleza.


Divulgação

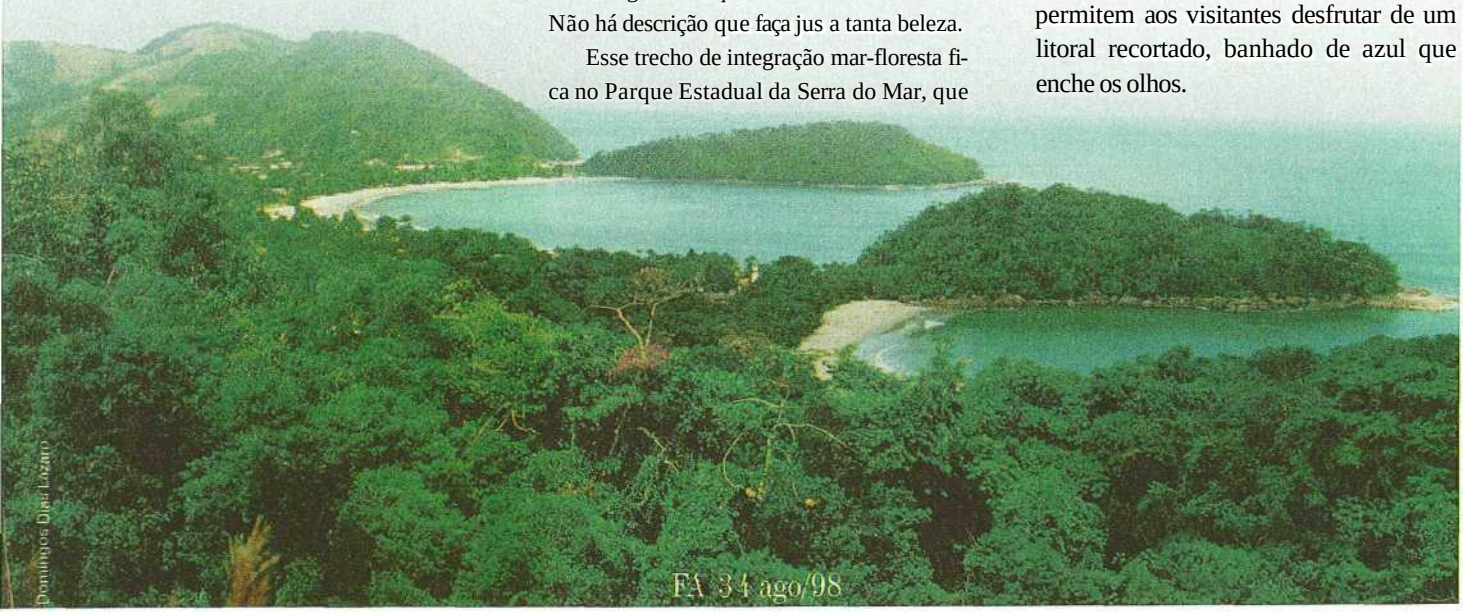
Roseane incentiva o turismo em Ubatuba

Esse trecho de integração mar-floresta fica no Parque Estadual da Serra do Mar, que abarca 80% do território de Ubatuba, incluindo trechos e restinga, manguezal e cinco praias, duas ocupadas por vilas caiçaras tradicionais: a Picinguaba e o Cambury.

Outro parque que existe na região é o da Ilha Anchieta, com sete praias e costões rochosos propícios para o mergulho. A ilha fica perto da costa e deverá ser reaberta ao público neste segundo semestre. O antigo presídio que lá funcionou até 1955 foi transformado em um centro de visitação, do qual fazem parte uma rede hoteleira, centro de pesquisas e o Projeto Tamar.

Além disso, existem inúmeras cachoeiras como a do Prumirim, da Bacia e da Escada, que permitem banhos de água doce em um ambiente cercado de árvores, flores e plantas das mais variadas espécies.

Como se tudo isso fosse pouco, Ubatuba oferece mais de 70 praias para os amantes do mar. Passeios de escunas, mergulhos, surf, windsurf, esqui aquático e outras opções de esportes náuticos permitem aos visitantes desfrutar de um litoral recortado, banhado de azul que enche os olhos.


Domingos Dias/Lazaro

íza

várias partes do Brasil


Paulo Zumbi

Os barcos de pescadores fazem parte da paisagem da cidade de Ubatuba


Paulo Zumbi

A cachoeira da Bacia é uma das várias atrações que Ubatuba oferece aos visitantes


Leticia

Poucos são os litorais no Brasil com a beleza das praias de Ubatuba

Trilhas O mais saudável de todos os exercícios físicos é outra atração da região de Ubatuba. São 18 trilhas que permitem observar a natureza em todo o seu esplendor. Para percorrê-las, o turista conta com o auxílio de cerca de 40 monitores treinados. Segundo Roseane Braga, a Aninha, ex-empregada da Caixa, da CIA Trek, microempresa local especializada em trekking (caminhadas) e educação ambiental, o passeio permite "você se sentir parte disso tudo, já que contemplar é uma forma de se integrar com tudo isso sentindo, cheirando, passando algumas horas integrando-se com o ambiente em que você está".

Décio Marques, que trabalha junto com Aninha, complementa: "Essas praias nos dão a noção de que é tudo uma coisa só, as águas são uma só, o mundo é um só. É uma experiência que permite que você volte para os centros urbanos mais crítico, prestando atenção na árvore que existe na sua rua e em tantas outras coisas que você nunca notou".

As trilhas podem passar pela aldeia indígena e vilas caiçaras, incluir passeios ecológicos, passeios marítimos com mergulho e até mesmo alcançar um dos rios da região, aonde é praticada a canoagem. As trilhas do Picadão da Barra e da Praia Brava da Almada são exemplos de ecossistemas associados. Já a trilha do Jatobá/Rasa percorre a mata em meio a poços naturais.

Se você conseguir um tempo, aproveite enquanto o verão não chega. Ubatuba está mais linda nessa época e, melhor, sem engarrafamento de turistas. FA

Queimadas: crime contra a natureza

Ambientalistas afirmam que lentidão do governo faz com que incêndios proliferem

O sinal de alerta para o problema das queimadas no Brasil está aceso, exigindo das autoridades medidas preventivas mais abrangentes e eficazes.

Os índices de queimadas subiram de forma vertiginosa nos últimos anos. Em 1996, os registros do satélite NOAA-12, em todo o Brasil, acusaram o surgimento de 33.522 focos de calor, entre junho e setembro. No mesmo período de *97*, o número de focos saltou para 42.412. Em 98, só nos vmeses de julho e julho, foram detectados 6.617 focos. Em comparação com a soma destes mesmos meses nos anos anteriores, também houve crescimento significativo do número de focos: 4.375 em 96 e 4.401 em *97*.

Os danos vão além da simples perda da biodiversidade pela destruição dos cerrados nativos e da floresta tropical úmida. Provocam ainda a emissão de gases para a atmosfera, contribuindo para a intensificação do efeito estufa e perdas na qualidade atmosférica local e regional.

Cumplicidade

Foi anunciada recentemente a criarão pelo Departamento de Defesa Civil Federal de comitês municipais de prevenção e combate a incêndios, em áreas de risco. Para Airton Luís Faleiro, ativista do movimento sindical dos trabalhadores rurais com atuação ambiental vinculada ao Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), a ação governamental tem sido tardia, improvisada e, por consequência, falha. "Restringe-se a apagar chamas, ainda assim com muito mais barulho do que com medidas práticas".

A lentidão do governo em tomar providências é apontada por ambientalistas como fator determinante para a ocorrência de incêndios como. o de Roraima, avaliado pelo representante da ONU no Brasil, Walter Franco, como "um desastre; sem precedentes no mundéf'.



Claus Meyer/Foto Documenta


Nando Neves/Documenta

Na agricultura tradicional, trator prepara a terra para plantio de algodão

No vácuo deixado pelo poder público, os setores organizados da sociedade é que estão tomando iniciativas para amenizar os impactos das queimadas, sobretudo na região Amazônica, e estabelecer uma estratégia de prevenção para o futuro.

O movimento dos trabalhadores rurais coordena dentro do GTA um projeto em parceria com o Ibama, cujo ponto de partida é a mobilização das comunidades locais para a capacitação em prevenção e combate a incêndios florestais na Amazônia - o Proteger. Airton Faleiro explica que o desafio é substituir as queimadas por técnicas compatíveis com o desenvolvimento sustentável da região, através da agricultura familiar.

Comunidades se mobilizam contra as queimadas

FA

O Proteger tem por objetivo capacitar 200 monitores em práticas alternativas, com ênfase para as experiências locais e de outras regiões. Em reuniões com as comunidades, esses monitores terão ainda a incumbência de preparar 12 mil lideranças comunitárias, com as quais deverão trabalhar buscando levar informações sobre as novas técnicas de manejo do solo a cerca de 120 mil pessoas residentes, inclusive criando brigadas comunitárias com 200 integrantes cada.

"Estamos nos mobilizando para buscar alternativas viáveis, capazes de substituir o fogo no preparo da terra, e vamos intensificar também as denúncias de incêndios criminosos praticados por madeireiros e latifundiários", enfatiza Faleiro. FA

E possível cultivar a terra sem agredi-la

Airton Faleiro, ex-dirigente da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), dedica-se às questões ambientais, num trabalho articulado com o movimento dos trabalhadores rurais, a partir do GTA. Ele e seus familiares, oriundos do Paraná, chegaram à Amazônia no final da década de 70 e há dois anos cultivam uma área de sete hectares no município de Santarém (PA). No local há também outras 11 famílias.

Algumas experiências daquela comunidade são exemplos de como cultivar a terra evitando-se as queimadas:

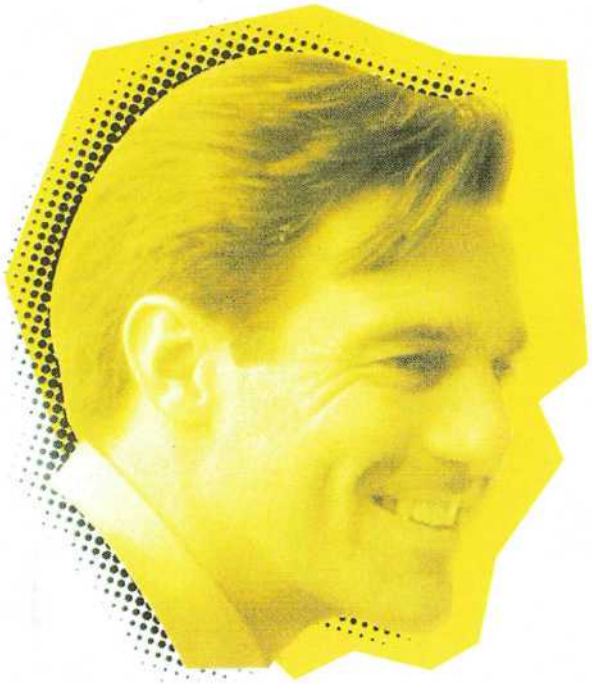
Plantio - Para a formação de pastagem, faz-se o roçado dos pequenos arbustos (a mata já foi derrubada) e joga-se a semente de uma leguminosa junto com a do capim. A leguminosa toma conta da área, fazendo apodrecer o que está por baixo, morre depois de seis meses e transforma-se em matéria orgânica. O capim cresce em um solo propício.

Aceiro- A área é dividida pòr aceiro (limpeza do terreno) nas laterais, em quadrados de cem metros. A cada 35 metros faz-se um aceiro menor dividindo aquela área. Há inclusive os chamados aceiros verdes, com abacaxi, batata doce, plantas medicinais e outras espécies.

A ausência de políticas públicas que incentivem novas práticas é apontada pelos agricultores como barreira ao desenvolvimento sustentável. Não há investimentos em tecnologias que levem à superação do modelo que privilegia o uso intensivo da terra, com derrubadas e queimadas. Crédito diferenciado também não há.


Continua a privatização das empresas públicas
O que ele quer dizer com privatização?
Que lá vão mais estatais privada abaixo
Ah, bom!
LISARB

Existem dois bons motivos para você vender os nossos seguros;





VOCÊ & VOCÊ.

O seguro FENAE dá comissões para você.

A FENAE também dá benefícios para você.

Se vocês ainda têm dúvidas, façam o teste do espelho.

E-Mail: fenaeseg@pontocom.com.br

SASSE FÁCIL | VIDAZUL | MULTIRISCO | AZULCAR

FENAE SEGUROS

FENAETUR

Sua viagem na melhor companhia



Fenaetur - fenaetur@fenae.org.br